

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



Lei N. 355 de 13 de Maio de 1888.
Declaram extinta a escravidão

A

PRINCEZA IMPERIAL, Regente em
Nome de D. PEDRO II, Tíz. scbr
Senal D'antou e Ella sancionou



E declarada extinta desde a data
Recebam-se as disposições em contrario.
Manda portanto a todos as autoridades a quem o cumprimento e execução
Lá pertencer, que a cumpram e fiquem cumprir e guardar tão inteiramente como n
O Secretario de Estado dos Negocios d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas e
Negocios Estrangeiros, Pachard, Pedro de Souza e Silva, do Conselho de Sua Ma
Imperial, para que publique e cumpra
Independência e do Imperio.

Pistas que levam à História



Prefeitura do Rio
Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia
Prefeito

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio
Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme
Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno
Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita
Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz
Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosaalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely Batista** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) •

Renata Petrocelli (subeditora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) •

César Garcia (copidesque e revisão) • **Ana Lúcia Richa** (revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: **Cidade América Artes Gráfica**

Tiragem: **36.500 exemplares**



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212





Desenho do aluno Fernando Gomes de Abreu, 10 anos
E. M. Sonia Mota Molisani (10ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

A história lida em conjunto

11 pan 2007

Os filhos do império do sol

14 carioca

Cultura nacional em guarda

18 século XX1

Os revolucionários do samba

19 parceria

Informação, cultura e lazer

20 olho mágico

Professores avaliam encarte

22 rede fala

Narrar como caminho para ser e conhecer

23 professor on line

Encontro com os leitores

24 caleidoscópico

Ressignificação de saberes

26 capa

A arte de investigar o passado

33 artigo

Imagem e narrativa

34 atualidade

Nem tudo é como parece ser

37 presente do futuro

Diferenças sem desavenças

40 pé na estrada

Um golpe a favor da paz

Um passeio pelo continente

45 foi assim

A cidade de duas estações

47 perfil

Sinal verde para a simpatia

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

Narrativa histórica

NÓS DA ESCOLA deste mês trata da narrativa histórica e do trabalho do historiador. Na reportagem de capa poderemos conhecer as características do discurso histórico e as diferentes abordagens metodológicas e teóricas usadas no processo de reconstrução da história. Iremos aprender também o que é fonte e documento histórico e a importância destes na reconstrução do discurso da história. Na seção *Ponto e contraponto*, o historiador Francisco Carlos Teixeira, da UFRJ, faz uma reflexão sobre uma área de estudo denominada História do Tempo Presente, que surge a partir da necessidade de estudar os processos em curso na atualidade, e afirma que existe uma fome de história na sociedade contemporânea, resultante da busca por identidade neste mundo fragmentado.

Você também poderá conhecer um pouco da história dos cinco fortes de nossa cidade, as atividades hoje desenvolvidas nesses espaços e também a história das estações Central do Brasil e da Leopoldina, que se confundem com a história da expansão ferroviária do país.

Na seção *Perfil*, o personagem do mês é o guarda municipal Eraldo Luis da Silva Soares, que é lutador de caratê e dá cursos de defesa pessoal para outros colegas da corporação.

Inspiradas nos jogos Pan-americanos, as turmas da Escola Municipal Marechal Hermes estão trabalhando a cultura de oito países das Américas. Quem “traz” para a escola as histórias desses lugares é o personagem Cauê. As crianças produziram um boneco do mascote, que nos finais de semana é levado para a casa de uma das crianças.

Ainda sobre as Américas, a revista aborda as curiosidades e os costumes dos incas, uma das mais importantes civilizações pré-colombianas da América, conhecida por sua riqueza em ouro e prata, pelas técnicas avançadas de irrigação e pelo moderno sistema de tributação e comunicação que adotava.

O tema da seção *Atualidade* é o aquecimento global e sua relação com a preservação das áreas verdes. Você poderá conhecer os argumentos contidos no último relatório do Painel Inter-governamental de Mudanças Climáticas sobre o assunto. Na seção *Caleidoscópico* você vai poder ler ainda um texto da professora Fátima Cunha sobre o currículo no espaço organizado por ciclos de formação.

Esses e muitos outros assuntos, tais como a cultura das jovens tribos urbanas e suas especificidades; experiências bem-sucedidas de educação física em turmas de educação infantil e outros, você vai conhecer nessa edição de NÓS DA ESCOLA.

Boa leitura.



Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Seu Licínio

Agradeço a atenção e o carinho da equipe do Núcleo de Publicações e Impressos (NPI) para com a Escola Municipal José de Alencar, cujo projeto da professora Maria Vitória foi reconhecido e divulgado na revista NÓS DA ESCOLA. Fico feliz especialmente pelo ambiente colaborativo que a MULTIRIO proporciona ao ocorrer um desdobramento a partir da reportagem sobre Seu Licínio, e a utilização da publicação como instrumento didático-pedagógico, indo além da mera informação. Creio que a equipe da revista compreendeu sensivelmente o exemplo dessa ação, que introduziu o material produzido pela MULTIRIO criativamente no cotidiano da escola. Além do amplo espaço na revista, a equipe da E. M. José de Alencar é grata também por a MULTIRIO ter propiciado um valioso encontro entre os alunos e Seu Licínio. Parabéns à equipe do NPI por estar aberta a experiências enriquecedoras para as escolas.

Renata Wilner

Escola Municipal José de Alencar, Laranjeiras, 2ª CRE

Contos americanos

A partir desta edição interrompemos a publicação da seção *Contos americanos*, que desde fevereiro deste ano mostrou um pouco da literatura dos países do continente. O espaço destinado à seção será utilizado para ampliar o debate de outras matérias.

Cartaz

Atendendo a pedidos de inúmeros professores da Rede, que enviaram cartas e e-mails, vamos reeditar, nesta edição, o cartaz do primeiro número de NÓS DA ESCOLA.

Seminário

Que ousadia! Mas é isso mesmo. Particpei do X Seminário de Planejamento e Avaliação à Luz da Multieducação, evento do qual participo há alguns anos. É clara a preocupação para que tudo ocorra o mais perfeito possível. Somos recebidos no auditório do Senai [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial], com material de apoio às palestras, como formulário de perguntas, programação, texto pertinente ao tema do evento, formulário para avaliação do encontro, com espaço para sugestões e pesquisa. Afinal, trata-se de um encontro de pesquisa do Departamento Geral de Educação (DGED).

Um momento marcante, nesta última edição do evento, foi o resgate da memória e o registro dos 10 anos de organização do seminário, que a cada ano se renova. Este ano, por exemplo, pudemos nos inscrever, de qualquer lugar da cidade, acessando o *site* da Secretaria Municipal de Educação (SME). A excelência dos palestrantes também despertou a minha atenção. A apresentação foi bem cuidada, utilizando recursos multimídia e o conteúdo científico-pedagógico é totalmente pertinente à prática. Parabéns à equipe do Setor de Pesquisa em Avaliação e Desempenho do DGED, em especial ao

professor Antonio Augusto, que entre acertos e erros quer o melhor.

Marleyde Ferreira Fernando

Coordenadora pedagógica da E. M. D. Pedro I, Barra da Tijuca, 7ª CRE

Correção

Na edição 48 de NÓS DA ESCOLA, erramos ao publicar o crédito do autor do artigo "Fundamentos de uma educação cidadã", na seção *Rede Fala*. Vicente Eudes é professor de matemática na Escola Municipal Carlos Lacerda, na Taquara, 7ª CRE; professor do Cest Formação Humana da E. M. Rosa do Povo, também na Taquara; e mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (Unesa).

Curso de extensão

O Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) anuncia para o dia 9 de agosto o início do curso "Os desafios da juventude no mundo atual". As aulas são dirigidas a professores, agentes comunitários, profissionais de psicologia, serviço social, educação, medicina e direito, entre outros.

O curso, com 64 horas/aula, durará quatro meses e terá aulas todas as quintas-feiras, das 18 às 21h40, no campus da universidade, situado na Praia Vermelha, na Urca. As inscrições estarão abertas até o dia 21 deste mês.

Quem se interessar, poderá obter mais informações na sede do instituto, na Av. Pasteur, 250 – 2º andar; pela internet, acessando os endereços nipiac@psicologia.ufrj.br, <http://www.psicologia.ufrj.br/nipiac>; ou ainda pelo telefone (21) 2295-3208.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

A história lida em conjunto

Presença freqüente em programas jornalísticos como o *Jornal das Dez*, do canal por assinatura Globo News, e *Espaço Público*, da TVE-RJ, e autor de livros sobre guerras, revoluções e outros temas ligados à história recente, o historiador Francisco Carlos Teixeira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), se tornou uma espécie de *popstar*. Sua ubiqüidade como comentarista de assuntos das relações internacionais contemporâneas se deve em parte a sua militância em um campo da história recentemente surgido, exatamente para dar conta dos processos históricos em curso: a história do tempo presente. Em entrevista a NÓS DA ESCOLA, o professor fala desse novo campo de estudo e afirma que existe atualmente uma fome de história na sociedade, resultante de uma busca por identidade em um mundo fragmentado. Segundo ele, esse fenômeno se reflete no sucesso de filmes e novelas e na proliferação de canais de televisão de cunho histórico. O professor analisa também o ensino de história hoje e afirma que o maior problema é a falta de leitura, de “estar com a narrativa”, referindo-se não só aos livros mas também, por exemplo, à música e ao cinema. Ele ressalta ainda a importância de empregar os diferentes tipos de mídia e recursos tecnológicos em sala de aula. Para Teixeira, o processo de aprendizado centrado na fala do professor e na leitura solitária e individual está ultrapassado. Em sua opinião, o professor precisa apreciar a narrativa em conjunto com o aluno.

O que é a história do tempo presente? Por que surgiu?

É um campo relativamente novo, surgido nos anos 1990, principalmente, a partir de uma série de questões colocadas ao historiador, que não puderam ou não foram, por alguma razão, respondidas pela história tradicional. Principalmente, o que se referia aos acontecimentos mais imediatos e em processo. Havia quase que um tabu segundo o qual a história analisava apenas processos encerrados. Evidentemente, nós podemos nos perguntar se existe alguma coisa como um processo fechado em história. Mas, pelo menos, referia-se a processos sobre os quais já se teria capacidade de fazer um

balanço. Entretanto, ficou muito claro na França, onde ela apareceu em primeiro lugar, mas também na Alemanha, nos Estados Unidos, na Espanha e na Itália, que havia problemas a serem respondidos e que pediam uma participação do historiador. Um exemplo muito claro disso foi o impacto causado na Europa pela Segunda Guerra Mundial, pelo fenômeno dos fascismos, a ocupação militar, a resistência à ocupação e a colaboração durante a ocupação. Esses eram temas que viraram, sobretudo na Alemanha e na França, um grande tabu. De um lado, afirmava-se que a população era inocente, havia sido totalmente manipulada, não sabia o que estava acontecendo, como era mito na Ale-

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



manha, ou que toda a população era resistente e lutava contra o ocupante, como na França. Aos poucos os historiadores começaram a levantar perguntas e viram que nem todos eram desligados do processo de decisão, nem todos eram enganados e nem todos eram resistentes. Essas questões foram colocadas de uma forma às vezes muito desagradável para a sociedade. É interessante notar que cineastas e alguns autores teatrais responderam a isso antes até do que os historiadores. Se nós analisarmos filmes como *Adeus meninos*, de Louis Malle, ou *Amém*, de Costa-Gavras, vamos ver que havia dúvidas sobre o que as pessoas estavam fazendo durante a guerra. Foram todos realmente heróis? Qual era a exigência desse heroísmo? Essas foram questões colocadas inicialmente e acabaram se tornando o centro das preocupações da história do tempo presente.

Por que havia essa resistência do historiador de se ocupar dos fatos atuais?

A história imediata, dos tempos que ainda estão presentes conosco, coloca questões às vezes desagradáveis, que obrigam as pessoas a fazer avaliações que elas talvez não estejam dispostas a fazer. Nós poderíamos dizer isso, por exemplo, em relação à realidade latino-americana contemporânea. A América Latina, especialmente a América do Sul, saiu de um ciclo brutal de ditaduras por volta de 1985 e regimes democráticos se implantaram no Chile, no Uruguai, na Argentina e no Brasil. Imediatamente, esses regimes produziram leis de anistia – ou leis de *punto final*, como se diz na Argentina – que estabeleceram o esquecimento sobre o que tinha se passado e apenas as pessoas “desagradáveis” insistiam em saber o que tinha acontecido. Ocorre que a maior parte desses processos de democratização na América Latina – chamados de democratização via pactuação, ou seja, um pacto entre aqueles que defendiam a ditadura e os que lutavam pela democracia – foram limitados. Corruptos, torturadores, ▶

homens que tiveram imensa responsabilidade na destruição da liberdade e dos direitos civis nesses países, inclusive na ofensa aos direitos humanos, não foram levados a julgamento ou questionados. Então, era preciso estabelecer um esquecimento sobre esses tempos. Ao transformá-los em objeto de história, de pesquisa, esse passado recentíssimo e desagradável aparece de novo. E muitas dessas pessoas que queriam o esquecimento e que hoje estão no poder não vêm de maneira alguma como agradável que se comece a fazer uma exumação desse passado doloroso. Por exemplo, a partir do governo de Charles De Gaulle, na França, com a libertação do país, se criou rapidamente um mito de que toda a França era combativa e resistiu aos alemães, quando nós sabemos muito claramente que uma grande parte do país colaborou intensamente com os nazistas. Mas tornar isso claro era uma coisa que dificultaria a reunificação, a pacificação do país, que criaria cicatrizes muito profundas dividindo a nação. Então, criou-se um mito edificante de uma França combativa. Mais uma vez, os cineastas foram os primeiros a perceber isso. Alan Resnais, em *Hiroshima meu amor*, mostra o tamanho dessas cicatrizes. Na América do Sul contemporânea é muito parecido.

[Na Argentina, a lei da anistia foi revogada e busca-se agora punir os responsáveis pela violação dos direitos civis. No Brasil, no entanto, ainda não se conseguiu avançar muito nessas questões...](#)

Com certeza. Se as democracias pactuadas que se implantaram na América do Sul vieram por um acordo entre defensores da liberdade e liberticidas, alguns anos depois, dependendo do jogo político, esses acordos começaram a ser revisados. A Argentina talvez seja um dos melhores exemplos de revisão desses acordos, quando o poder político e o poder judiciário questionaram a chamada lei do *punto final* e vários dos homens que ofenderam os direitos humanos e civis foram levados para a prisão. Em outros países, como o Chile e o Brasil, isso não aconteceu. Não só homens diretamente envolvidos com tortura continuam impunes, como vários dos políticos que apoiaram os atos de força contra a liberdade estão hoje em cargos representativos importantes na república.

[É possível dizer que o jornalismo ocupou, até certo ponto, na percepção pública, esse papel de contar a história da atualidade?](#)

A relação entre jornalismo e história do tempo presente é íntima e, desde o início, muito dinâmica. Nós poderíamos dizer que as sociedades contemporâneas estão passando por um processo de grande fome de história. Na América do Sul e na América Latina, em geral, existe essa fome. É muito claro, por exemplo, pela quantidade de filmes recentes sobre história que têm sido produzidos em países como Argentina, México e também o Brasil. Os grandes sucessos de bilheteria no Brasil têm um conteúdo histórico e sociológico muito claro. Também é muito claro que existe uma demanda disso em, por exemplo, programas de televisão ou de jornalismo, em jornais, aos quais pesquisadores, historiadores e sociólogos comparecem constantemente e dão uma visão histórica da sociedade, do tempo. Os procedimentos no entanto são diferentes. O jornalista deve trabalhar com distanciamento, imparcialidade, mas com essa coisa instantânea, sem uma avaliação se isso vai compor um todo ou não. Ele não tem essa obrigação, nem mesmo esse direito. Aquilo que ele noticiava um dia pode não ser mais objeto para ele no dia seguinte. O historiador, não. Ele deve colocar isso dentro de um processo, mesmo que não esteja acabado. Não podemos nos ater apenas ao imediato. Esse seria um risco muito grande.

[O avanço das tecnologias de mídia aumentou o acesso à informação para o público? As pessoas têm uma percepção maior de estarem vivendo a história?](#)

Acho que sim. Acho que isso se liga ao que falamos antes sobre fome de história. As pessoas querem saber, conhecer. Os países que saíram do comunismo no Leste Europeu têm uma grande demanda de história do tempo presente. A América do Sul também. Você tem hoje na televisão vários canais que são não só de notícias 24 horas, mas de história. Você tem o History Channel, o Civilization, o National Geographic (que, em grande parte da programação, passa temas de história). Você tem séries históricas, como esse megassucesso *Roma*, da HBO. As



As pessoas têm uma necessidade de construir sua identidade e elas imaginam que através da história elas a criam. A história está servindo como elemento de localização do indivíduo em um mundo muito fragmentado, globalizado, onde esses anteparos foram destruídos. As pessoas estão buscando na história novamente pontos fixos que dêem segurança a elas, para que se sintam culturalmente seguras, se identifiquem com alguma coisa, numa época em que o mundo é tão móvel e fragmentado.

Por que essa fome de história?

Por causa do avanço da globalização, que reduz todo o mundo a um papel em branco. Todos começam a ficar muito parecidos. Ao mesmo tempo, ela quebra, fragmenta, divide. Ela criou a necessidade paradoxal de as pessoas se acharem, se localizarem, no mundo. E a história estaria servindo largamente para isso. De um lado isso é bem-vindo, porque significa que as pessoas estão procurando. É o sucesso dos filmes que têm conteúdo histórico, dos programas dos canais pagos. Mas também é um risco, se a gente imaginar que alguém tem o monopólio dessa fala. E, normalmente, as universidades, os institutos de pesquisa, os museus, isso que a gente chama de academia, acaba sendo muito autoritário e acha que tem o monopólio da memória. A gente tem que perceber que o barracão da escola de samba, a minissérie da rede de televisão, a canção popular – todos eles – são produtores de memória. Todos eles geram identidades. Todos eles têm regras de

legitimação própria e ninguém deve se sobrepor como uma voz de autoridade sobre a criação dessas identidades.

Como o senhor avalia hoje o ensino de história no Brasil?

O problema maior é o da leitura. As ciências sociais e a história, muito especialmente, supõem o tempo da leitura, o tempo de estar com a narrativa. Não existe história sem narrativa e não existe narrativa sem momento de dedicação. É claro que nem toda narrativa é texto. Você pode ter narrativa em filme, numa canção da MPB, mas isso implica você ter que construir esse tempo da apreciação. Hoje, com uma certa rapidez, as pessoas não estão se dando mais o tempo de se dedicar à apreciação de uma narrativa. Pouco importa qual seja o suporte dela: se é papel, digital, CD ou coisa parecida. A gente precisa voltar a ter não mais aquele retiro individual de apanhar livros e se trancar em bibliotecas, mas uma relação na qual o professor e o aluno sejam levados novamente – e esse é o papel fundamental do professor – a ler e apreciar a leitura juntos. O professor precisa trazer o texto, a canção, o filme para a sala de aula. Ele não pode ter mais a idéia de que só ele falando e o aluno, passivo, escutando estejam mantendo uma relação de aprendizado. Talvez a apreciação conjunta da narrativa seja uma solução para melhorar essa terrível falha e os alunos poderem voltar a entender e apreciar uma narrativa. ▶

Por que há tanta escassez de leitura e de busca do contato com essas narrativas? O advento da internet, dos jogos eletrônicos, afetou isso de alguma forma?

A gente poderia alinhar uma série de questões. Primeiro, as pessoas lêem menos. Eu acho que, na verdade, as pessoas lêem menos porque a maior parte das leituras é chata, aborrecida, muito pouco atrativa. Você só vai para o joguinho porque ele é mais atrativo do que a leitura. Agora a leitura em si não é, de maneira alguma, chata. Ela pode ser muito emocionante. É só ela ser construída dessa forma. A outra coisa é que nem toda narrativa é leitura. A narrativa também é o filme, o CD. Por que eles não estão sendo utilizados? Por exemplo, aqui nós conversamos sobre alguns filmes para discutir memória e história do tempo presente. Com certeza, eles podem ser levados para a sala de aula. Por que o processo de aprendizado tem de estar centrado ora no professor e na sua fala, ora em uma leitura solitária e individual do texto? Por que os alunos não podem lê-lo juntos em sala de aula? São elementos a serem pensados. Talvez precisemos quebrar o conservadorismo do processo de aprendizagem. Aí, talvez, apreciar e gozar juntos a narrativa fique mais fácil.

Ou seja, é preciso buscar novas estratégias para o ensino de história...

Com certeza. Se ensinar história hoje for o professor de história falando em sala de aula e o aluno lendo sozinho em casa, estamos muito mal. Porque isso não vai acontecer. O professor vai ter um esforço enorme em sala de aula, que vai se tornar algo aborrecido e o aluno não vai conseguir, de maneira alguma, acompanhar o raciocínio dele. Se, por outro lado, ele deslocar o aluno do seu ambiente multifacetado, cheio de ofertas, para que ele se recolha a uma leitura solitária, também não vai dar certo. Agora, se for possível construir uma relação com diversas narrativas, sob diversos suportes diferenciados, enquanto experiência conjunta, eu acho que temos uma saída para isso.

As novas mídias, então, devem ser usadas como suporte para o ensino de história...

Largamente. Que sentido faz, por exemplo, eu explicar o sistema hidrográfico da bacia amazônica? Sim, porque eu tenho que ficar

dizendo quais são os rios que vêm do norte e quais os que vêm do sul, quais são os afluentes da margem direita e os da margem esquerda... Se eu posso passar um DVD e fazer uma viagem virtual pelo Rio Madeira, eu tenho que usar isso. Se o professor não for preparado para usar os recursos que estão à nossa disposição, ele, sim, vai ficar na história antiga. Não vai chegar ao tempo presente de maneira alguma.

O historiador, por definição, é o que escreve sobre a história. O historiador é lido pelo grande público ou o que ele produz acaba ficando mais restrito à academia?

Eu tenho um bom amigo, o professor Ciro Flamarion Cardoso, da UFF [Universidade Federal Fluminense], que diz que uma idéia nova leva 25 anos para entrar em um livro de história e leva outros 20 para sair. Na verdade, a pesquisa histórica acadêmica vai ter um impacto muito baixo na formação da identidade da população. Hoje, com essa fome de história e o fato de o historiador estar comparecendo à televisão, sendo chamado para debates, algumas idéias estão conseguindo atravessar essa barreira com mais rapidez. Mas eu diria que, na verdade, a rede de televisão ou a escola de samba são produtores de identidade e de memória muito mais eficientes do que a academia.

Muitas vezes o jornalista acaba ocupando esse nicho de autor de livros de história. Um exemplo muito claro é o de Eduardo Bueno, que fez sucesso com seus livros sobre história do Brasil...

O fato de jornalistas estarem escrevendo história e historiadores não estarem sendo lidos se explica de uma forma muito fácil. Os historiadores escrevem muito mal. O dia em que eles aprenderem a escrever melhor, de uma forma sedutora e que seja, acima de tudo, bela, eles vão começar a ser lidos. E é algo extremamente positivo que alguém esteja fazendo isso, como o Eduardo Bueno e outros autores. Eles são muito bem-vindos. Todo o ranger de dentes contra essas obras é exatamente isso: ranger de dentes de quem poderia ter feito e não fez. Sérgio Buarque de Hollanda dizia muito claramente que só ficarão os livros bem escritos. Nesse sentido, vão ficar muito poucos livros de história. ■

Os filhos do império do sol



As ruínas incas de Machu Picchu foram descobertas em 1911 e tombadas em 1983 pela Unesco

Povo nativo da América do Sul, os incas dispunham de organizada estrutura social

Filhos do sol e escultores da Terra. Assim podem ser lembrados os incas, um povo que viveu na América do Sul, em uma extensão de 3 mil quilômetros, hoje ocupada por Equador, Peru, norte do Chile, oeste da Bolívia e nordeste da Argentina. Junto com astecas, maias e indígenas brasileiros, são chamados de povos pré-colombianos, antepassados dos atuais habitantes das Américas.

O império inca era formado por mais de 10 milhões de cidadãos que adoravam o sol e moldavam suas terras com arrojadas técnicas de irrigação e de construção de estradas. Sem falar da construção de seus belíssimos templos e palácios. Segundo especialistas, os incas estavam entre os povos mais civilizados da América. Sua organização social era hierárquica. O império era formado por tribos submetidas a um imperador, o Sapa Inca, que tinha autoridade divina e era reconhecido como descendente do sol. A seu lado ficava a rainha, a Coya. Depois vinham os nobres, parentes do rei, governadores de província, chefes militares, sábios, juizes e sacerdotes. A camada seguinte era formada por funcionários

públicos e trabalhadores especializados, como pedreiros, ourives e marceneiros. A maioria da população era formada por agricultores. Cada comunidade tinha um chefe, os chamados kurakas, que tinham laços consanguíneos com seus subordinados.

O professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Paulo Seda resalta que era uma civilização com poder centralizado, que impunha obediência ao imperador, a língua quechua e o culto ao sol, e que, ao mesmo tempo, respeitava os costumes de cada um dos povos que compunham esse império. Era imposto ao povo que tudo aquilo produzido seria para o império. “A produção era dividida em três partes: do produtor ou comunidade, do imperador e do sol (diretamente para os templos). O que ia para os templos era usado pelos sacerdotes ou redistribuído para a sociedade em tempos de crise ou guerra”, explica Seda.

Os incas baseavam suas atividades no trabalho coletivo. O governo assegurava terra para todos. A professora Maria Regina Celestino, do Departamento de História ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ARQUIVO PESSOAL

DE CYNTHIA MOTTA

da Universidade Federal Fluminense (UFF), explica que, apesar de dominar outros povos, eles faziam acordos e garantiam direitos e deveres, subjugando-os ao poder do imperador e às suas divindades. Em contrapartida, os dominados tinham a segurança e a proteção do império, ou seja, os dominantes deviam zelar por seu bem-estar econômico e espiritual e fornecer-lhes o auxílio necessário em tempos de dificuldades, festividades religiosas ou de amplos trabalhos coletivos.

Eles dispunham de avançadas técnicas de irrigação e também trabalhavam na construção de estradas e prédios públicos. Todo pedaço de terra era cultivado para não faltar alimento para a população. Algumas lavouras estendiam-se até as encostas, utilizando o sistema de terraços andinos, formado por degraus com paredes de pedra com patamares de terra vegetal. Para melhorar a qualidade da terra, os incas faziam irrigação com tanques e canais. Além disso, foram os únicos povos pré-colombianos a domesticar animais, principalmente a llama, que lhes fornecia lã, carne e couro, produzia esterco e transportava alimentos.

Sem dispor de veículos de roda, nem de malha hidroviária para transportar os excedentes agrícolas, os incas abriram com suas técnicas de engenharia milhares quilômetros de estradas que ligavam as quatro províncias a Cuzco, a capital. Especialistas afirmam que o sistema era mais desenvolvido do que o existente à época na Europa. O pavimento de pedras lisas até poderia ter sido feito para veículos, mas numa sociedade onde não havia cavalos nem rodas, os habitantes andavam

mesmo a pé. Essas estradas transpunham rios por meio de pontes, algumas eram tão sólidas que chegaram a ser usadas no século XX.

Outro feito da arquitetura inca foram os edifícios, construídos sem auxílio de argamassa. As paredes eram tão perfeitamente ajustadas que era impossível passar uma faca entre as pedras. Hoje, mesmo depois da destruição das cidades pelos espanhóis, ainda há ruínas de antigos templos que sobrevivem ao tempo em Machu Pichu e Cuzco, fazem parte do patrimônio mundial da Unesco. Entre os mais famosos estão Qorikancha (Templo do Sol), que teve uma catedral construída por cima do templo inca ou as muralhas das ruínas de Sacsayhuamán.

Rede de notícias – Apesar de não conhecerem a escrita, os incas desenvolveram um forte sistema de comunicações. Através dos caminhos construídos para transportar os produtos agrícolas, as pessoas levavam e traziam informações. De acordo com Regina Celestino, havia postos que serviam como albergues e correios. A população que conservava esses postos dispunha de mensageiros que recebiam mensagens e as transmitiam ao posto vizinho. Com isso, todo o império estava conectado por uma rede de notícias que percorria até 2 mil quilômetros em menos de uma semana.

Para o professor Paulo Seda, uma das realizações mais fascinantes foram os modelos de recenseamento e tributação. Toda a população tributada era listada por um mecanismo que consistia em dar nós coloridos em cordas, que

Guerra entre irmãos

A decadência da civilização inca começou por volta de 1493, quando Huayna Capac subiu ao trono. Ele se casou com Tocto Pala, princesa de Quito e teve um filho, Atahualpa, até então herdeiro certo do trono. Entretanto, Huayna ao se tornar Sapa Inca (imperador, filho do sol) casou-se com sua irmã e teve outro descendente, batizado de Huáscar. Em 1525, uma epidemia de varíola devastou a fronteira do Peru com o Chile, matando Capac. Huáscar subiu ao poder, mas o pai havia dito que Quito deveria ficar sob o comando de Atahualpa.

A partir daí, iniciou-se uma guerra civil entre os dois irmãos. Atahualpa fez muitos prisioneiros, inclusive Huáscar. Em 1532, Francisco Pizarro chegou ao Peru com seu pequeno exército. Foi conquistando gradativamente a zona litorânea até chegar a Atahualpa, que foi capturado e morto no ano seguinte. Dois anos depois, o império inca havia desaparecido sob a dominação dos conquistadores europeus.



Atahualpa capturado pelos espanhóis



As ruínas estão a 2.500m acima do nível do mar

correspondiam ao número exato de pessoas que deveriam pagar impostos. “Quando as pessoas se casavam, tinham que mudar para uma casa especial. No primeiro ano de casamento elas não pagavam imposto. Quando chegava o primeiro filho, recebiam mais terras. Os mais velhos também não pagavam impostos, mas recebiam roupas e alimento do Estado. Toda vez que havia queda de safra, os armazéns do Estado eram utilizados”, explica.

A estrutura social dos incas era tão organizada que não deixava a população desassistida. Toda vez que um chefe de família era recrutado para trabalhar em obras do Estado, fosse em armazéns, templos ou estradas, os vizinhos cobriam a sua ausência no trabalho agrícola, ou então, o Estado ficava responsável por sua subsistência. Entretanto, para o professor da Uerj, isso não se compara a um “paraíso perdido”, como querem alguns historiadores, que acreditam que os incas eram socialistas. “Está longe de ter sido uma sociedade igualitária. Era altamente hierarquizada. A classe dominante mantinha seus privilégios, mas realmente não há registros de fome ou de grandes crises de escassez antes da chegada dos espanhóis”, pondera Seda.

A cultura inca não deixou legados apenas na arquitetura. Também na indumentária. Maria Regina destaca a confecção de tecidos em teares, muitos deles com lã de llamas, que até hoje são apreciados pelo povo peruano. As mulheres produziam esses tecidos com lindos desenhos e vestiam roupas que as cobriam totalmente. Já os homens usavam uma túnica sem mangas até o joelho. Nas estações mais

frias, se cobriam com mantos de lã. “O vestuário falava sobre a situação social do povo”, explica o professor da Uerj. Os incas usavam gorros de lã com as cores que identificavam a que tribo pertenciam. Quanto mais ricos, mais se vestiam com tecidos mais trabalhados e se ornamentavam de jóias. Esses acessórios eram usados mais pelos homens do que pelas mulheres e, quanto maiores os brincos, melhor a condição social.

O farto acesso a metais como ouro, prata e bronze foi tido como objeto da cobiça dos espanhóis. Muito se fala de os incas terem sido dominados facilmente pelos homens de Pizarro¹, mas para Paulo Seda a história não foi bem assim. Um dos motivos da derrota para os espanhóis foi o enfraquecimento do poder local com a luta entre dois herdeiros do imperador: Atahualpa e Háscar. O primeiro conseguiu derrotar o segundo, mas ao se deparar com os conquistadores não soube avaliar o perigo. “O Inca [imperador] via os espanhóis como bárbaros. Atahualpa achava que podia derrotá-los assim como a todos os outros povos locais que dominou, tanto é que foi ao encontro de Pizarro sem guerreiros. A sociedade ficou sem comando quando ele foi capturado, porque tratava-se de uma organização totalmente centralizada em uma liderança, que se pressupunha divina”, explica o professor.

Outra causa que pode ter contribuído para a extinção dos incas, segundo Seda, foi o fato de que o imperador Huayna Capac, pai de Atahualpa e Huáscar, morrer de varíola, doença originada na Espanha, mas que pode ter chegado à região antes mesmo dos conquistadores europeus. “A doença trazida pelo espanhol apareceu primeiro no México e foi se difundido até chegar ao Peru. Portanto, além da crise política gerada pelos irmãos, o povo tinha um importante combate contra a enfermidade”, acrescenta. Os conquistadores comandados por Pizarro derrotaram os incas em 1533. A cultura foi brutalmente destruída e hoje restam apenas ruínas dos seus templos e palácios. ■

¹ Francisco Pizarro (c.1475-1541) foi o comandante espanhol que conquistou o império inca e fundou a cidade de Lima em 1535.

Cultura nacional em guarda

Fortes e fortalezas do Rio de Janeiro oferecem aos visitantes uma viagem pela história do país



A alameda que percorre o Forte de Copacabana é conhecida como Corredor da Vitória. Dali partiu a marcha dos 18 do Forte

carioca

TEXTO Testemunhas de um tempo que só conhecemos dos livros de história, os fortes e fortalezas construídos para defender a costa do Brasil guardam relíquias que poucos imaginariam. Memórias de conquistas, batalhas e brasileiros célebres e anônimos repousam em meio a cenários de tirar o fôlego, onde uma arquitetura grandiosa emoldura as belezas do azul do mar ou do verde das montanhas. Encerradas suas funções militares, os que foram conservados oferecem hoje a seus visitantes verdadeiras viagens no tempo. Só na cidade do Rio de Janeiro, resistem cinco fortes e fortalezas, dos quais quatro estão abertos à visitação pública, com roteiros que misturam história, conscientização ambiental e ações sociais.

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Como diz o *slogan* do Forte de Copacabana, o mais popular entre eles, seus canhões não estão ociosos, porque “atiram cultura e civismo para a sociedade”.

A história das fortificações militares no Rio de Janeiro tem início junto com a história da própria cidade. A atual Fortaleza de São João, na Urca, guarda o marco da fundação do Rio de Janeiro, em 1 de março de 1565. Foi ali, na Praia de Fora, entre os morros Pão de Açúcar e Cara de Cão, que Estácio de Sá desembarcou com cinco navios e 300 homens, instalando o Reduto de São Martinho, para defesa contra os franceses na Baía de Guanabara. Na verdade, foram os franceses os responsáveis pela primeira tentativa de fortificação, 10 anos antes, na ilha da Laje. Nicolas Durand de Villegagnon aproveitou a pedra chata, com cerca de 100 metros de comprimento e 60 de largura, para instalar ali duas peças de artilharia, no que ficou conhecido como Bateria Ratier. Mas pouco tempo depois elas foram carregadas pelo mar bravo, e Villegagnon se retirou para a ilha de Serigipe (hoje ilha de Villegagnon), onde o Forte Coligny

se tornou o núcleo do estabelecimento colonial conhecido como França Antártica.

O Forte Coligny foi destruído, mas a ilha onde ficava a Bateria Ratier hoje abriga o Forte Tamandaré da Laje, construído entre os séculos XVII e XVIII e concluído pelo Vice-Rei Marquês de Lavradio em 1779. As atividades no local, que inclui canhões de 240mm, 150mm e 75mm, posto de comando, refeitório e alojamento, foram encerradas em 1997. O Tamandaré da Laje é o único entre os fortes cariocas remanescentes que não está aberto ao público. Mas ele pode ser visto da Fortaleza de São João, que, além do Reduto de São Martinho, abriga os redutos de São Teodósio, São José e São Diogo. Foi com a conclusão deste último, em 1618, que o conjunto entrou em serviço oficialmente, com o nome de Fortaleza de São João da Barra do Rio de Janeiro.

Na visita à Fortaleza de São João é possível conhecer o marco de fundação da cidade, os redutos militares e o Forte de São José, antigo Reduto de São José, que ganhou a nova denominação em 1872, depois de uma reforma que o equipou com 15 canhões 75mm, além de 20 outros canhões, 17 casamatas e 3 baterias. Responsável pelo sítio histórico, o coronel Thadeu Marques de Macedo explica a diferença entre as denominações de reduto, forte e fortaleza: “O reduto é uma construção primária, uma simples muralha para a proteção do armamento. A denominação de forte é aplicada quando há

uma construção mais edificada, com várias muralhas, casamatas e um paiol. E a fortaleza é um conjunto de fortes ou redutos”.

Ainda na Fortaleza de São João, funcionam o Museu do Desporto do Exército e a Escola de Educação Física do Exército, pioneira no ensino de educação física no Brasil, além da Comissão de Desporto do Exército e do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército. O Museu guarda relíquias como a primeira medalha olímpica de ouro do Brasil, conquistada pelo tenente Guilherme Paraense no tiro ao alvo, ou um sino distribuído por Hitler durante as Olimpíadas de Berlim, em 1936, e doado pela delegação brasileira. “O Exército tem desportistas de renome nacional e internacional. Muita gente não sabe, por exemplo, que nosso famoso João do Pulo era sargento. O Museu tem por objetivo divulgar nosso patrimônio e perpetuar estes feitos”, explica o coronel Thadeu Marques, também diretor do Museu.

Reduto de história e cultura – Preservar e divulgar nosso patrimônio histórico e cultural são também as atuais vocações do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana. Em 1914, a fortificação foi concluída e ganhou o título de maior praça de guerra da América Latina, com um conjunto de canhões de 305mm, 190mm e 75mm, de fabricação alemã e capacidade de atingir até 23km de distância. O local onde foi erguido era conhecido, à época, como Ponta ▶

História ao alcance de todos

- **Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana**

– Praça Coronel Eugênio Franco, nº 1, posto 6, Copacabana. Aberto de terça a domingo, de 10h às 17h, com ingressos a R\$ 4. Visitas guiadas gratuitas para escolares acontecem de terça a domingo, às 10h e às 14h. O agendamento deve ser feito pelo *e-mail* agendamento@fortedecopacabana.com

- **Forte Duque de Caxias** – Praça Almirante Júlio de Noronha, s/nº, Leme. Aberto aos sábados, domingos e feriados, de 9h às 17h, com ingressos a R\$ 4. Visitas escolares gratuitas devem ser agendadas pelo telefone 2543-8441

- **Fortaleza de São João** – Avenida João Luís Alves, s/nº, Urca. O Museu do Desporto do Exército abre de terça a domingo, das 10h às 16h, e as visitas não exigem agendamento. Já para conhecer o sítio histórico é necessário agendamento, pelo telefone 2543-3323, ramal 2135. As visitas são gratuitas.

- **Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição** – Rua Major Daemon, 81, Morro da Conceição, Centro. As visitas devem ser agendadas pelo telefone 2223-2177 e acontecem de segunda a quinta-feira, de 8h às 16h, e sexta, das 8h às 11h.



A nova sede do Museu do Desporto do Exército foi inaugurada em abril

da Igreja, por abrigar a Igreja de Nossa Senhora de Copacabana. Houve diversas tentativas anteriores de se erguer ali uma fortificação. As primeiras datam da época da transferência da capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763. Novas obras se iniciaram por volta de 1816 e o local chegou a ser artilhado em 1823, quando se receava um ataque da armada portuguesa ao Brasil recém-independente, e em 1893, no contexto da Revolta da Armada. As obras do forte definitivo, no entanto, só se iniciaram em 1908, encomendadas pelo marechal Hermes da Fonseca, então ministro da Guerra, com projeto do major Tasso Fragoso. “Toda a arquitetura da fortificação é eminentemente brasileira, mas os materiais empregados são estrangeiros. Os canhões vieram da Casa Krupp,

Histórias por trás da história

- Cada uma das balas do canhão 305mm do Forte de Copacabana pesa 445 quilos. Para levá-las até o canhão, foi desenvolvido um sistema aéreo de transporte. O tempo entre um tiro e outro era de 20 minutos.
- O presidente Washington Luís esteve no Forte de Copacabana em 1930 e quem montou sua guarda foi o falecido diretor das Organizações Globo, Roberto Marinho, que era cabo.
- O paiol para armazenagem de alimentos do Forte de Copacabana era tão grande que os 200 soldados poderiam sobreviver até três meses trancados em seu interior.
- Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, serviu no Forte Duque de Caxias.
- Durante o levante dos 18 do Forte, o Forte Duque de Caxias foi atingido por um tiro de canhão do Forte de Copacabana.
- A Fortaleza de São João serviu de cenário para as filmagens da novela *Que rei sou eu?*, da minissérie *O quinto dos infernos* e do filme *Carlota Joaquina, princesa do Brasil*.



Os canhões do Forte Duque de Caxias podiam atirar a uma altura superior à do Pão de Açúcar

da Alemanha, e há material português e francês também”, explica Wania Edith Elyso, museóloga e chefe da divisão de acervo do Museu.

O Forte teve papel destacado em momentos importantes da história brasileira. O mais célebre deles foi o levante dos 18 do Forte, em 1922. No contexto do movimento tenentista, os militares ali aquartelados se rebelaram contra a posse do presidente eleito Artur Bernardes. Sem obter apoio de outras unidades e depois de diversas desistências, os 28 que decidiram “resistir até a morte” saíram em marcha pela praia de Copacabana. Em meio a intenso tiroteio, 10 se dispersaram e restaram então os 18 integrantes da marcha suicida, da qual só sobreviveram Eduardo Gomes e Siqueira Campos. Entre as relíquias do Museu está uma fotografia da marcha, assinada pelos dois sobreviventes, e pedaços da bandeira brasileira que ocupava o pavilhão do Forte. Antes da saída dos revoltosos em marcha, Siqueira Campos, líder do movimento, ordenou que ela fosse dividida em 28 partes, para que cada um levasse consigo um pedaço da Pátria.

Hoje, histórias como estas podem ser revividas em passeio pelo Forte, que recebe cerca de 25 mil visitantes por mês. “A construção é impregnada de uma história muito positiva, porque a idéia dos 18 do Forte é eminentemente romântica e idealista, mostrando para o jovem sonhos de um Brasil melhor”, ressalta Wania Edith. A arquitetura também atrai curiosidade. As muralhas externas, voltadas para o mar, têm 12 metros de espessura e as paredes internas, um metro. O interior da fortificação preserva o gabinete de comando, tal como estava em 1940, os gigantescos canhões Krupp, câmaras de tiro, refeitório, lavatórios e os paióis de munição, além de uma usina elétrica construída em 1943, que aproveitava o repuxo dos tiros do canhão de 305mm e produzia energia suficiente para a fortificação e parte do bairro de Copacabana.

No Museu, salões de exposição retratam a história de 1500 até 1945, divididos em Colônia, Império e República. Os estudantes que participam das visitas guiadas têm ainda a oportunidade de vivenciar atividades lúdicas que visam à fixação do fato histórico. “O trabalho é dividido por faixas etárias e direcionado de acordo com os objetivos de cada escola. Através de jogos, as crianças brincam ao mesmo



Além do Forte de São José, a Fortaleza de São João é constituída pelos redutos de São Martinho, São Teodósio e São Diogo

tempo em que relembram os conteúdos que acabaram de apreender”, explica Wania. As atividades educativas do Forte incluem ainda a Semana do Soldado (em agosto), quando as crianças participam da representação de um acampamento militar, com direito a camuflagem e atividades físicas, a Semana do Exército Brasileiro (em abril), quando são intensificados os programas de visitas, e a Semana Cultural, em comemoração ao aniversário do Forte, no dia 28 de setembro. Salões de exposições temporárias ajudam a ampliar o perfil do público visitante, que conta também com uma filial da tradicional Confeitaria Colombo.

Consciência ambiental – No Forte Duque de Caxias, no Leme, o destaque é a preservação ambiental. Dentro de suas instalações, que hoje abrigam o Centro de Estudos de Pessoal do Exército, com ensino para especialização de oficiais em nível de pós-graduação, fica uma área de Mata Atlântica preservada de 16 hectares. Graças a uma parceria entre os moradores do Leme, o Exército e a Prefeitura do Rio, a área foi reflorestada em 1987 e hoje abriga 6 espécies nativas de orquídeas, 16 de bromélias e 90 de aves. “Hoje fazemos a preservação, manutenção e campanhas ambientais junto a escolas e à sociedade”, explica o major Henrique Soares de Oliveira, chefe da seção de comunicação social do Forte. O visitante pode desfrutar do contato com a natureza em uma caminhada de cerca de 20 minutos que leva até o alto da Pedra do Leme, onde se ergue a fortificação.

No vídeo educativo sobre o Forte, o historiador Milton Teixeira explica que desde 1601

houve grande preocupação em se fortificar a entrada da Baía de Guanabara, enquanto a costa oceânica permanecia esquecida. A fortificação desta área só foi iniciada em 1776, quando o Marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil, começou a construção do então Forte do Vigia. Seria sua missão alertar as demais fortificações sobre a aproximação de embarcações inimigas.

Antes da atual denominação, dada em 1935 em homenagem ao Patrono do Exército, Luís Alves de Lima e Silva, o Forte Duque de Caxias foi também conhecido como Forte do Leme. A construção que hoje pode ser visitada foi obra do presidente Hermes da Fonseca, que em 1913 mandou erguer no lugar do antigo forte colonial uma fortificação moderna. O projeto, a exemplo do que aconteceu no Forte de Copacabana, ficou a cargo do major Tasso Fragoso e os canhões também vieram da alemã Krupp. A inauguração aconteceu em janeiro de 1919. A bela construção hoje emoldura uma vista espetacular das praias do Leme e de Copacabana.

Do outro lado da cidade, no bairro da Saúde, ergue-se a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, que abriga atualmente o Serviço Geográfico do Exército e a Biblioteca Histórica, aberta ao público. O local foi ocupado em 1711, mas as obras só se iniciaram em 1715, sendo concluídas em 1763. Em 1831, a Fortaleza foi desarmada e passou a funcionar como prisão. No século XIX, foi guarnecida com 14 peças de artilharia e se transformou em sede da Fábrica de Armas, subordinada ao Arsenal de Guerra. As visitas, agendadas, permitem conhecer as masmorras, o pátio e a capela, embelezados por uma bela vista da Baía de Guanabara. ■

Os revolucionários do samba

A turma do Estácio reinventou o samba ao trazê-lo para o carnaval, já nos anos 20 a maior festa popular do Rio

TEXTO
MARLUCIO LUNA,
EDITOR DE CONTEÚDO DO
SÉCULO XX1

Nos anos 20, o samba já era um gênero musical de sucesso – principalmente entre a parcela mais pobre da população. Nomes como Sinhô, Donga e Freitinas participavam de apresentações em teatros de revista, cinemas e festejos populares. Os “pioneiros do samba” só não contavam com a chegada, na segunda metade da década, de uma nova geração de compositores, instrumentistas e cantores. Ela entrou para a história como “a turma do Estácio”, responsável por uma revolução musical que, além de reinventar o samba, criou o que hoje se chama escola de samba.

A música composta, tocada e cantada pelos pioneiros quase não se diferenciava do maxixe e tinha características que privilegiavam a dança de salão. A turma do Estácio reinventou o samba ao trazê-lo para o carnaval, já a maior festa popular do Rio de Janeiro – até então, os blocos saíam às ruas fazendo apenas batucada. O grupo reunia, entre outros, os sambistas Ismael Silva, Bide, Baiaco, Brancura, Nilton Bastos, Edgar, Eurípedes Capelani, Aurélio Gomes e Mano Rubem – apontado por contemporâneos como o criador do novo estilo. Eles queriam fundar um bloco carnavalesco para sair pelas ruas cantando suas músicas. Como o samba amaxiado não favorecia o desfile, fizeram o samba sincopado, mais adequado aos foliões que desejassem andar enquanto brincavam o carnaval. O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral entrevistou Ismael Silva e ouviu a explicação do sambista para a inovação:

“Ismael contou que o estilo anterior de samba, aquele mais puxado para o maxixe, não funcionava bem no carnaval. Como queriam cantar suas composições durante o desfile do bloco, eles criaram o samba sincopado, que é o samba moderno. Sua definição do samba criado no Estácio prima pela simplicidade e perfeição: um samba que facilita o movimento dos braços durante o desfile carnavalesco. Outra definição perfeita foi dada por Babaú, antigo compositor da Mangueira. Ele dizia que era simplesmente ‘samba para sambar’”.

O bloco Deixa Falar, fundado pela turma do Estácio em agosto de 1928, revolucionou os desfiles. Além do samba sincopado, a bateria trazia novidades como o surdo, inventado por Bide e originalmente chamado de caixa surda, e a introdução de um instrumento até então desconhecido, a cuíca. Considerado por pesquisadores como a primeira escola de samba, o Deixa Falar jamais desfilou como tal. Criado como bloco, anos depois se transformou em rancho. Mas foi entre os sambistas do Estácio que surgiu a expressão “escola de samba”.

“Por reunir compositores e músicos considerados professores do novo tipo de samba, o Deixa Falar se apresentava como escola de samba. Mas isso representava apenas uma espécie de distinção; não um tipo de agremiação. Também era uma brincadeira da turma do Estácio. O pessoal se reunia em dois bares do bairro, o Bar Apolo e o Café do Compadre, que ficavam perto de uma escola normal. Eles apontavam para a escola normal e diziam que lá se formavam os professores da rede escolar e o Deixa Falar, também uma escola, formava os professores do samba,” explica Cabral.

O sucesso alcançado pelos compositores do Estácio logo chamou a atenção de grandes nomes do disco. Os cantores Francisco Alves e Mário Reis, por exemplo, tinham Sinhô (o “Rei do Samba”) como grande fornecedor de músicas para as gravações. Sinhô começou a perder o reinado quando seus dois grandes intérpretes o trocaram pelos “novatos do Estácio”.

A geração de Sinhô rapidamente perdeu espaço. O samba amaxiado deu espaço ao samba sincopado. Donga, um dos pioneiros, classificava a música dos renovadores como marcha. Ismael Silva rebatia, dizendo que *Pelo telefone*, o maior sucesso de Donga, era maxixe. A polêmica serve para mostrar como o samba, desde o seu surgimento, tem como característica a mistura de referências e elementos musicais. ■

SAIBA MAIS

Mais matérias sobre o tema podem ser encontradas na CHAVE Samba do site do Século XX1: www.multirio.rj.gov.br/sec21/

Informação, cultura e lazer

Casa Leonardo Guerra, no Lins de Vasconcelos, reúne crianças e jovens em cursos e oficinas

Com o objetivo de diminuir a exposição de menores a situações de risco, foi fundada, em março de 2005, a Casa Leonardo Guerra, que oferece cursos gratuitos para crianças e jovens entre sete e 17 anos, das comunidades do Lins de Vasconcelos, Barro Vermelho, Árvore Seca, Morro do Amor, Vila Cabuçu, Cutia, Cachoeirinha, Cachoeira Grande e Morro Grande, entre outras. Localizada no bairro de Lins de Vasconcelos, a casa faz parte do programa Casas para Crianças e Jovens, e é coordenada pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro em parceria com a Prefeitura do Rio.

“A casa foi pensada para ser um local que oferecesse uma atividade para crianças e jovens que normalmente não teriam acesso a ela e trabalhasse noções de cidadania, capacidade de concentração, entre outros conceitos úteis à vida de qualquer pessoa”, observa Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque, coordenadora do programa.

Uma das professoras do curso de *biscuit*, Brena Karem, acredita que “o bom resultado das atividades desenvolvidas na Leonardo Guerra leva os alunos a acreditarem em suas próprias habilidades, aumentando a sua auto-estima, e poder de concentração”. Marineide Pereira Severiano, mãe de Daniela e Maira, alunas das oficinas de *biscuit* e dança de salão, acha que suas filhas ficaram mais responsáveis depois que começaram a frequentar a casa.

Quem também se mostra entusiasmado com o progresso da filha é Leonidas dos Santos, pai de Bruna Lopes dos Santos, de 12 anos, aluna do curso de informática. Para ele, além de obter mais conhecimento, a filha está preenchendo o tempo com uma atividade enriquecedora: “O curso é uma nova realidade para Bruna. Ela está mais disposta e dedicada aos estudos. Até os professores do colégio comentam a melhora nas notas dela”.

Na Leonardo Guerra, há cursos de artes, informática, capoeira e percussão e oficinas de artesanato, teatro, circo e dança. Juntas as atividades reúnem mensalmente cerca de 400 crianças e jovens. A casa possui também



As aulas de capoeira são disputadas

uma biblioteca, com acervo especializado em literatura infantil e juvenil, dinamizada por um contador de histórias.

Outra ação é o Dia Casa Leonardo de Portas Abertas. Nesta data, que acontece de dois em dois meses, há uma integração entre todas as atividades para que pais e responsáveis pelos alunos possam vivenciar um pouco de cada curso oferecido. Na busca pela ampliação do universo sociocultural dos alunos, a casa promove ainda passeios a museus, centros culturais, teatros, cinemas e pontos turísticos da cidade.

Desde a criação do Programa Casas para Crianças e Jovens, em 2001, mais de 16 mil crianças frequentaram os cursos e oficinas oferecidas nas Casas Leonardo Guerra e do Rio Comprido. ■

Para participar:

Os candidatos devem ter entre sete e 17 anos e serem moradores da cidade do Rio de Janeiro

- Devem ir no dia da matrícula à casa escolhida
- Levar uma foto 3X4 e certidão de nascimento ou cartão de vacina
- Preencher a autorização dos pais (o documento é distribuído pela própria casa).

TEXTO

IVONE BARROS,
JORNALISTA E ASSESSORA DE
COMUNICAÇÃO DA OBRA SOCIAL

FOTO

LEANDRO MARTINS

Professores avaliam encarte

Para dar continuidade ao diálogo, pesquisar a necessidade de promover alterações, adequações e sugestões para as suas próximas edições, NÓS DA ESCOLA elaborou uma pesquisa para conhecer a opinião dos professores da rede municipal sobre o encarte *Giramundo* e saber como eles o utilizam em sala de aula. A pesquisa, com perguntas abertas e fechadas, foi encartada na edição 45, de fevereiro de 2007. Foram respondidos e encaminhados para o Núcleo de Publicações e Impressos (NPI) da MULTIRIO 647 questionários. Muitos temas sugeridos serão aproveitados e, em breve, surgirão novos autores: os professores da Rede, indicados por colegas. Foram mais de 80 nomes sugeridos.

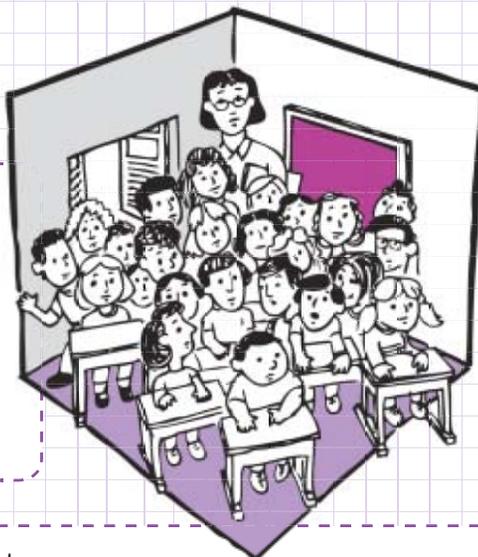
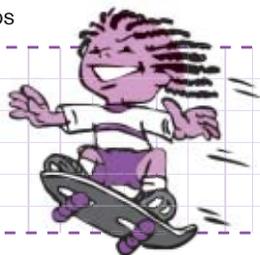
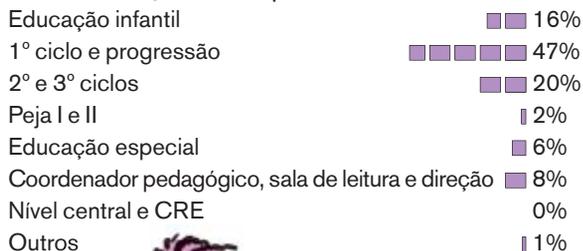
GRÁFICOS

ALINE CARNEIRO

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO

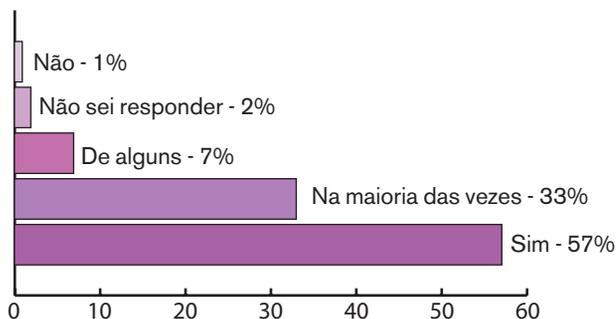
Área de atuação dos respondentes



Frequência de uso

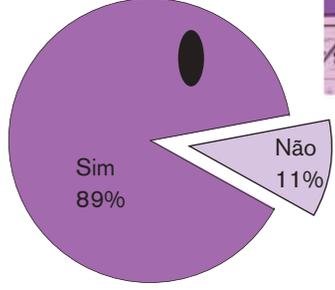


A linguagem utilizada facilita a compreensão dos temas abordados

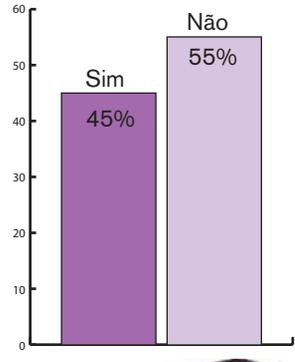


atividade

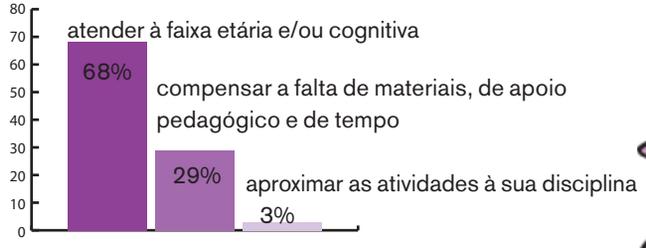
As atividades sugeridas são interessantes



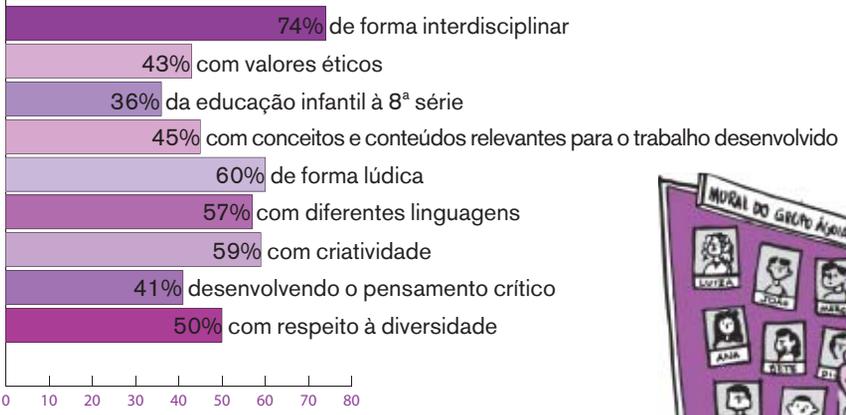
O conteúdo precisa ser adaptado em sala de aula



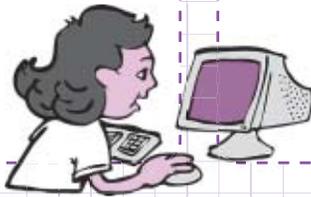
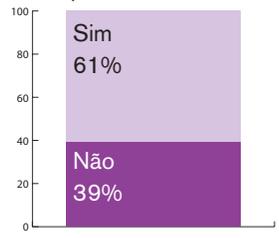
As adaptações são necessárias para:



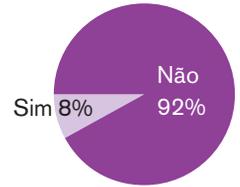
Na opinião dos professores o *Giramundo* trabalha:



Se o professor colecciona o *Giramundo*:



Se o professor já consultou alguma edição do *Giramundo* em PDF, no site da revista:



Narrar como caminho para ser e conhecer

Narrar é uma das mais antigas paixões humanas. Na ânsia de alcançar o infinito, o coração do outro, o saber, a indagação, o homem se move no misterioso círculo do dizer. Nascermos no acolhedor abraço da narrativa.

O verbo narrar, por suposto, origina-se do vocábulo latino *gnarus*, aquele que conhece, com a queda do g e acréscimo da terminação verbal. Do verbo latino *narro*, temos: conhecer e contar; noutro modo, dizer. Como incoativo, no *infectum* diz: “eu começo a conhecer, eu tomo conhecimento”. Etimologicamente nascer, conhecer e narrar têm as mesmas raízes. Nesse modo, diz-se para ser. Pensamos, logo existimos? Pois poderíamos falar aqui: narramos, logo somos.

Na sala de aula, narrar apresenta-se como um método. Método forma-se pelo sopro de dois étimos gregos: *metá* (que abarca os sentidos de com, entre, procura, sucessão no tempo) e *hodós* (caminho, via, meio, modo de fazer alguma coisa). Método diz, portanto: caminho. O tênue e longo trajeto que professor e aluno trilham juntos.

Mas toda travessia, lembra-nos muito bem Guimarães Rosa, é um negócio muito perigoso. A palavra perigo vem do grego *peras*, de *apeíron*, que do limite nos aponta o não-limite. É nessa dimensão que nos encontramos e, por essa razão, o medo, o assombro, o perigo à nossa espreita. Será que vai dar certo? Será que, hoje em dia, ainda há lugar para narrar? Para ser? Ou simplesmente devemos nos calar em face da enxurrada de informações e não mais sermos, apenas tornando-nos um simulacro do que os outros pensam e são por nós?

Não. Não somos dos que desistem e, como poetas e filósofos, é no espanto que fazemos nossa caminhada.

A partir daí, é no não-limite da magia sonhadora da narração que mestres e aprendizes revezam seus papéis e aprendem, no reaprender incessante da vida, que tecer histórias é de fato experienciar trajetórias.

A palavra, desde o mito bíblico, convoca à existência. Pela Palavra de Deus céus e Terra foram formados e, com eles, os seres em geral, sendo o homem especificamente gerado do pó. No mito latino de Cura, é este deus que dá vida ao homem, também através do pó. A palavra dos

deuses gera o debate de como chamá-lo, até a decisão de nomeá-lo húmus – pois a Terra fora a sua tecelagem.

Vemos, nestas duas narrativas, o quanto o Dizer configura Mundo. Um mundo que, atualmente, pode nascer do pó de nossos olhos já tão cansados de tanto sonhar. Afinal, o dito divino inaugura a existência. Do mesmo modo, à sua imagem e semelhança, o homem mundifica a partir do poder encantatório da palavra. Nessa reflexão, cabe a nós, professores, enxergarmos o narrar como o precioso caminho que pode nos levar a criar e concriar novas existências.

O aluno está ali, ávido por descobertas. A descoberta do encanto da narração só um mestre apaixonado pela narrativa pode despertar. E não estamos aqui falando dos professores de língua portuguesa, apenas. Estamos convidando a cada um que, tendo no peito uma vibração – ainda que meio desanimada pelos embates do cotidiano atual –, deseja fazer do narrar o seu método, o seu caminho para a sabedoria de viver e conhecer.

Se em nossas escolas a aula de matemática começar com um poema de Ferreira Gullar, se a de biologia cantar a dor carbônica de Augusto dos Anjos, se a de educação física bailar ao som dos dizeres corpóreos de Drummond, se a de história enveredar pel’*Os Lusíadas* de Camões ... Se a travessia de Riobaldo for também a nossa diária luta pela vida e pelo amor, se a coisa de Clarice nos acordar para uma felicidade clandestina, se virmos no Capibaribe de Melo Neto os nossos rios, as nossas vias e desvios... Então, narrar realizará o círculo mágico de que falamos no início e retornará à sua origem, que não é simples começo, mas um recomeço a cada vez, e dirá de si: narrar é nascer, conhecer, ser.

A escola, nessa perspectiva, é mais do que um espaço “profissional e estudantil”. É ela vida, tessitura, existência, mundo... Mundos.

O mais especial de tudo isso é que, como Hermes, mensageiro da Palavra Divina (e em sua essência, a própria palavra), somos nós, educadores, os enviados a traçar o percurso do dis-curso, que transforma a mera rotina em liberdade. Liberdade de experienciar e possibilitar o experienciar da terceira margem de nosso curso existencial. ■



Aline de Mattos da Costa
Mestre em Teoria Literária,
pela Universidade Federal
do Rio de Janeiro (UFRJ).
Professora II da E. M. Hilde-
gardo de Noronha. Anchieta,
6ª CRE

Encontro com os leitores

Equipe da MULTIRIO conversa com professores sobre processo de produção de NÓS DA ESCOLA

Com o objetivo de estimular cada vez mais os professores a se apropriarem, entenderem e participarem de NÓS DA ESCOLA, a equipe que produz a revista, do Núcleo de Publicações e Impressos (NPI), juntamente com Irinéia Simone, da Assessoria de Integração da MULTIRIO, resolveu promover encontros este ano com o seu público-alvo. A primeira reunião, que teve a participação de 31 representantes de oito CREs (coordenadorias regionais de educação), aconteceu no dia 25 de abril, no Ciad (Centro Integrado de Atenção à Pessoa Portadora de Deficiência), na Cidade Nova.

Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer toda a equipe responsável pela revista, que é distribuída mensalmente aos 30 mil professores da rede municipal. O diálogo foi intenso, com os professores tirando suas dúvidas sobre como proceder para enviar relatos de experiências bem-sucedidas em sala de aula e o que fazer quando a revista não chega às suas mãos. Os educadores também

contaram as suas idéias de trabalho a partir do que leram na revista.

Apesar de os professores demonstrarem estar bem informados, os jornalistas e pedagogos fizeram comentários sobre a linha editorial deste ano (narrativas e narratividade) e detalhes do projeto gráfico da revista, como a barra lateral de identificação por cores do bloco de seções, as “chamadas” que vêm na quarta-capa (última capa da revista) anunciando a próxima edição, o que é o “chapéu” (assunto ao qual a matéria está relacionada) etc.

Os professores foram divididos em grupos para debater e apresentar impressões sobre a sua relação com NÓS DA ESCOLA, desde o momento em que ela chega às suas mãos até a hora de arquivá-la para eventuais consultas. Tudo isso foi documentado por escrito para que daqui por diante a publicação atenda ainda mais às necessidades dos nossos professores.

Haverá ainda mais dois desses encontros este ano, com datas a serem definidas. ■

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

A voz dos professores

A equipe da revista anotou todas as sugestões dos representantes das escolas. Veja alguns assuntos propostos para as seções de NÓS DA ESCOLA e que poderão estar nos próximos números:

- **Carioca** – Curiosidades sobre os bairros
- **Parceria** – Hospital Menino Jesus; Conselho Tutelar; Clube Escolar do Fundão
- **Professor on line** – Bienal do Livro; plano de cargos e salários; aposentadoria para diretores e coordenadores pedagógicos
- **Caleidoscópico** – A importância do coordenador pedagógico; textos sobre o 2º segmento
- **Atualidade** – Como avaliar se um *software* é adequado ao aluno; resistência do professor diante dos avanços tecnológicos
- **Presente do futuro** – Agressividade; auto-estima; *bullying*; diversidade cultural; síndrome de Burnout; dificuldades de aprendizagem
- **Foi assim** – Origem dos esportes no Rio; histórico da chegada da família real; Igreja da Penha



Os professores participaram de uma oficina

Ressignificação de saberes

Uma reflexão sobre o currículo no espaço organizado por ciclos de formação

“Já choramos muito, muitos se perderam no caminho
Mesmo assim não custa inventar uma nova canção (que venha nos trazer)
Sol de primavera abre as janelas do meu peito
A lição sabemos de cor, só nos resta aprender”
BETO GUEDES & RONALDO BASTOS

A organização dos saberes das diferentes áreas do conhecimento para o processo de escolarização assume uma perspectiva diferenciada quando o sistema escolar se organiza em ciclos de formação. A concepção de educação que forma as bases dessa organização pressupõe o ensino de conhecimentos e valores em uma escola para todos.

Os conhecimentos escolares são a rede de saberes constituídos – considerando a sua base histórico-cultural –, que ao serem aprendidos pelos alunos impulsionam de múltiplas maneiras o seu processo de desenvolvimento. A organização e a significação desses saberes em práticas pedagógicas nos tempos e espaços escolares constituem o currículo.

Na rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro, o processo de escolarização do ensino fundamental está organizado com ênfase nos períodos da infância, da pré-adolescência e da adolescência. Essa nova configuração escolar permite refletir sobre uma concepção de ensino que ressignifica a lógica compartimentalizada das disciplinas escolares, assim como a lógica do tempo e espaço seriado como definidores de porções do conhecimento a serem gotejadas ano a ano para encher um recipiente na medida certa.

Com os ciclos de formação a escola não produzirá *perdas no caminho*, pois o caminho está pensado em tempos e espaços para promover o ensino de acordo com as singularidades e generalidades de cada período contínuo de desenvolvimento humano, buscando nos saberes escolares uma possibilidade de *inventar uma nova canção* que terá sua melodia e letra pautadas nos princípios de uma educação cidadã.

Estamos buscando novos significados para ensinar a ler e compreender a complexidade do mundo no século XXI, considerando a diversidade dos alunos e os períodos de desenvolvimento em que se encontram, com todas as suas possibilidades que se apresentam diferenciadas pelos contextos socioculturais em que estão imersos. Sendo assim, o currículo, ao se pôr em movimento, irá considerar que existem meninos e meninas de seis a oito anos que se diferenciam em sua constituição, pois são representantes de uma história diferenciada de formação humana não-escolar e que, por outro lado, possuem processos de desenvolvimento que se assemelham pela idade em que estão, por isso são crianças. A mesma reflexão é pertinente aos demais grupamentos que são formados por pré-adolescentes e adolescentes.

Ao buscar outras bases para a organização dos conhecimentos escolares, os profissionais de educação da cidade do Rio de Janeiro têm como referência o Núcleo Curricular Básico Multieducação, ampliado por fascículos de atualização, que estabelece uma rede de relações entre princípios educativos e núcleos conceituais, possibilitando vislumbrar uma trama epistemológica e social na qual os conhecimentos se assentam, ganham significados, se entrelaçam, se articulam, atendendo, assim, ao caráter histórico-cultural necessário à educação em ciclos de formação.

Os saberes escolhidos para compor o currículo trazem as marcas culturais e históricas das diferentes áreas de conhecimento, que ao longo do tempo promovem novos significados para a práxis pedagógica. Os conceitos constitutivos de cada área estão em interlocução constante com o tempo histórico em que são ensinados, definindo assim o caráter sociocultural e político dessas escolhas.

“O currículo escolar permite ao professor um caminho reflexivo de articulação entre a vida e a escola; entre a cultura das comunidades local e global e o conhecimento; entre a experiência e os valores vividos por professores(as) e alunos(as) e as necessidades de cada comunidade escolar; entre as identidades sociais a constituir e as identidades dos alunos(as) já constituídas; entre o conhecimento sistematizado e organizado das áreas específicas e as aprendizagens sociais coletivas mais amplas que ocorrem no contexto social do(a) aluno(a).

No currículo escolar estão as vivências, os valores, as verdades, as crenças, as características e as propriedades de um determinado grupo social, de forma articulada à história do conhecimento da matemática, da história, da dança, da geografia e das demais áreas que compõem o saber científico”. (*Multieducação. Princípios educativos e núcleos conceituais*, 2005.)

A possibilidade de transpor os conhecimentos sistematizados em práticas de ensino contextualizadas e ressignificadas pelo saber pedagógico dos professores e pelos saberes já constituídos pelos alunos em seus diferentes períodos de desenvolvimento põe o currículo escolar em movimento. Desta forma, a cada período do desenvolvimento existe uma rede de saberes que são estabelecidos e que assumem relevância para o processo de ensino. Durante o percurso de escolarização no ensino fundamental, ou seja, nos nove anos de escolaridade, o currículo passa por processos de significação diferenciados. Os conceitos das diferentes áreas do conhecimento vão sendo ampliados tanto pela complexidade da própria área de conhecimento quanto pelas relações do próprio conhecimento com o processo de desenvolvimento do aluno. Portanto, a visão do currículo estático e prescrito, considerando isoladamente os conteúdos, perde a sua significação.

TEXTO

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES DA CUNHA, DIRETORA DA DIRETORIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO

Ao considerarmos o espaço escolar como espaço de circulação de saberes e práticas visando ao desenvolvimento humano, não podemos tomar o currículo como instância isolada do processo de ensino-aprendizagem. Ele se configura em diálogo com os pressupostos do projeto político-pedagógico da escola, sendo um dos instrumentos norteadores para a consecução de um projeto de educação que reafirma o direito de todos à aprendizagem escolar.

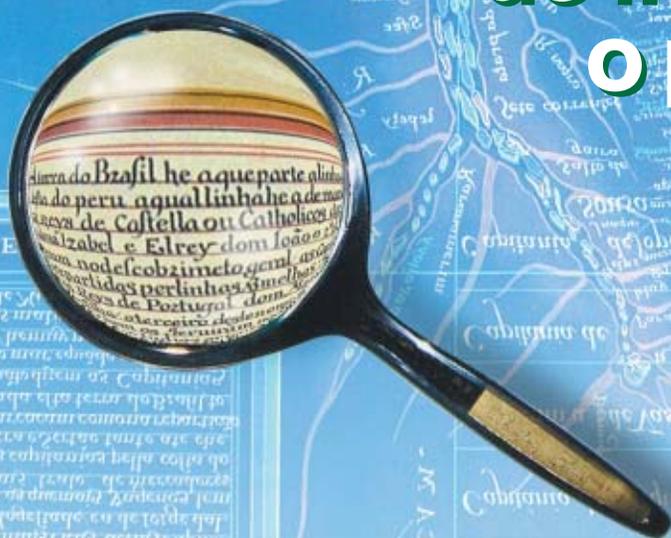
As lições sabemos de cor, pois os profissionais da educação possuem os saberes pedagógicos constituídos por suas histórias de ser professor e os instrumentos de análise-crítica para refletir sobre o tempo e o espaço escolar no seu processo histórico e cultural de transformações, que constituem a identidade da escola desse tempo. Portanto, *só nos resta aprender*, eu diria *ressignificar*, os saberes sobre currículo, quando objetivamos o sucesso do trabalho pedagógico na escola organizada por ciclos de formação.

Concluindo essa breve reflexão, destaco a importância da discussão coletiva sobre currículo no espaço escolar e ratifico o pressuposto de que a escola é o melhor espaço de formação continuada em serviço, pois o debate das questões que vêm do âmbito global da discussão sobre educação e currículo gera inquietações que são ressignificadas pelos saberes pedagógicos e pela identidade da escola que é formada por todos que a constituem. Que o *sol de primavera abra as janelas do meu peito* para todas as estações que configuram o ciclo da vida e que adentram ao ciclo da escola. ■

IMAGENS WIKIMEDIA

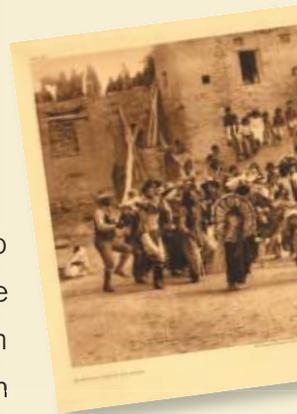


A arte de investigar o passado



A história é uma matéria que comporta uma variedade de interpretações sobre temas que são objeto de pesquisa. Ou seja, não existe verdade absoluta em história. Ela também pode ser considerada um conhecimento alcançado de forma indireta, tendo como objeto documentos, casos, situações individuais, difíceis de quantificar e impossíveis de formalizar. “O compromisso do historiador, essencialmente, é com a verdade, mesmo sabendo que ele nunca chegará lá inteiramente. Ele chega a partes dela. Mas a verdade é um referencial para ele. O historiador também não pode achar que só existem versões e que é tudo relativo. Ele precisa ter um compromisso ético com a verdade, mesmo sabendo que ela é sempre parcial”, ressalta Maria Paula Nascimento Araújo, diretora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O fazer história pode ser comparado ao trabalho de um detetive, que faz deduções e reconstrói um caso através da análise de pistas. A partir de um fragmento procura-se extrair dele o máximo de informação e busca-se reconstruir não só a cena de um crime, mas a própria intenção e a personalidade de quem participou, seja a vítima ou o criminoso. Da mesma forma, o historiador faz uma interpretação dos vestígios deixados pelo passado para reconstruir uma parte da história da humanidade.



FOTOGRAFIAS DE EDWARD S. CURTIS/NORTH-WESTERN UNIVERSITY LIBRARY

“A história é a mesma coisa. Se você pega, por exemplo, uma manchete de jornal de 50 ou 100 anos, você tenta primeiro entender o que a matéria está dizendo, quais são os personagens da história e que juízo ela está fazendo ou não desses personagens citados. A partir daí, você também vai ter informações para reconstruir o contexto em que aquela informação está inserida e a produção daquela fonte. No caso, do jornal com o seu contexto, ou seja, qual era seu mercado, quais eram suas ligações políticas. Se possível, você vai compará-lo com outros veículos da mesma época ou de períodos diferentes para perceber as diferenças de linguagem, abordagem e ideologia. Eventualmente, você reconstrói todo um clima de debate”, explica o cientista político e historiador Fernando Lattman-Weltman, do Centro de Pesquisa de Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação

Getúlio Vargas (Cpdoc-FGV), que pesquisa a história da imprensa brasileira.

O trabalho do historiador não é o de um mero reproduzidor ou compilador de informações e dados encontrados prontos para uso nos documentos. A história não é uma realidade esperando para ser descoberta. Ao contrário, é um conhecimento que será construído a partir de uma interpretação crítica do historiador, pois o documento não é neutro. É produto da sociedade que o criou e reproduz as relações de poder nela vigentes. Muitas vezes, os documentos são constituídos por aqueles que detêm o poder, de forma a perpetuar sua memória e a legitimar suas pretensões. A tarefa do historiador é a de questionar sempre a história oficial, buscando novas formas de abordagem. Também a de ampliar sua pesquisa, procurando utilizar ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

PESQUISA DE IMAGENS

GERÊNCIA DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA MULTIRIO

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO/CLAUDIO GIL





Fernando Lattman-Weltman

as mais diversas fontes possíveis, de forma a se deparar com pontos de vista alternativos.

É impossível para o historiador conhecer todo o passado humano. Seu papel é tentar reconstruí-lo parcialmente a partir de fragmentos que sobreviveram ao tempo. Esses fragmentos são as fontes históricas. Nesta categoria estão incluídos documentos escritos, imagens, monumentos, vestígios materiais, entre muitos outros itens. Como a história é um exercício de interpretação, ela aceita olhares múltiplos e diferenciados, muitas vezes conflitantes, sobre o passado.

Maria Paula Nascimento Araújo afirma que o fato de o historiador construir seu discurso a partir das suas fontes impede que toda a sua narrativa seja baseada em subjetividades. “Para o historiador, é muito importante definir quais são as suas fontes, ou seja, o seu acervo; quais são os procedimentos que terá para com elas; e registrar onde estão localizadas, até para que outros historiadores possam fazer uma leitura crítica dele e para que surjam outras leituras”, comenta.

Ela acrescenta que o pesquisador trabalha o conjunto de fontes a partir de duas questões. Ele formula uma hipótese e analisa as fontes, procurando elementos que se relacionem com a questão que tem em mente. Além disso, ao

fazer uma pesquisa, o historiador está informado por uma teoria, que corresponde à forma pela qual ele vê a história, suas fontes e como construirá sua análise.

A história como é feita hoje teve grande influência da Escola dos Annales, responsável por uma ampla transformação do que pode ser considerado saber histórico, inclusive ampliando a definição do que é uma fonte. Era formada por um grupo de historiadores franceses capitaneados por Lucien Febvre e Marc Bloch, professores da Universidade de Estrasburgo, que lançaram em 1929 a revista *Anais da história econômica e social*. A Escola abriu caminho para o movimento da História Nova.

A História Nova pregava a compreensão dos fatos históricos em sua totalidade, não fazendo restrições em relação às fontes ou abordagens. Enquanto a história tradicional reduzia as fontes quase que exclusivamente aos documentos escritos, especialmente os oficiais, o movimento da História Nova ampliou esse leque, que passou a incluir iconografia (pinturas, gravuras, desenhos, fotografias), produtos de escavações arqueológicas, literatura, arquitetura, mobiliários, roupas e hoje até relatos orais e depoimentos. Além dos registros oficiais, passam a ser usados os diários das



moças, as receitas culinárias, os panfletos, a indumentária, os figurinos de teatro. Tudo o que era produzido pela sociedade passou a ser considerado fonte histórica. Como afirma Marc Bloch, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre ele”.

Antes, preponderava a história positivista, que se preocupava com os grandes personagens, como reis e generais, e seus feitos. O que importava era a história política, que tratava apenas dos grandes acontecimentos que haviam moldado a história de um país, principalmente as guerras e a diplomacia. Era uma história factual, preocupada com a narrativa de eventos, com datas, fatos e nomes. Com a mudança, a história passa a se ocupar com a estrutura que permeia as transformações. Fernand Braudel, seguidor de Bloch e Febvre, defendia um reajustamento das ciências humanas que exigia uma visão do tempo histórico não só de curta, mas também de longa duração. A Escola dos Annales enfatizava a interdisciplinaridade e aproximou a história das outras ciências sociais, como a sociologia e a antropologia.

Como explica a historiadora e educadora Simone Valdete dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para Braudel, “as estruturas são passíveis de transformação, mesmo que de forma lenta, gradual, tardia em relação aos fatos de curta duração e às conjunturas estabelecidas. O pensamento humano faz parte desta ‘lentidão’. As mudanças na moral, nos costumes de uma determinada sociedade, não acompanham o avanço tecnológico, as transformações na esfera do trabalho, pois as categorias comportamentais, regras de conduta, são, na sua maioria, repassadas pela família, pela oralidade, sendo de lenta modificação”*. O próprio historiador francês afirmou: “Meu grande problema, o único problema a resolver, é demonstrar que o tempo avança com diferentes velocidades”.

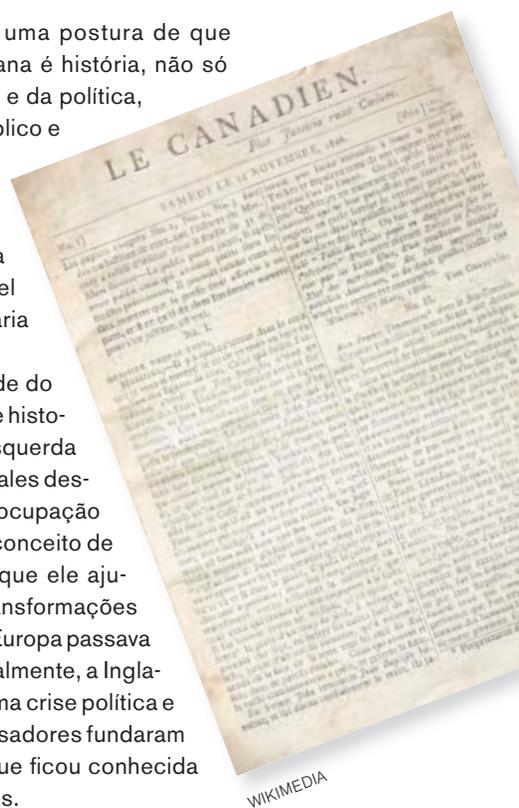
* A Escola dos Annales: sua contribuição para o ensino da história (www.lec.ufrgs.br/~silvia/historiaRS/escola_annales.html)

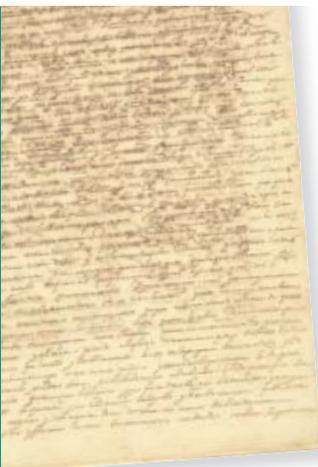
Além disso, a partir dos Annales, a história se torna mais plural. As massas passam a ter lugar na história e direito à memória. Novos objetos de estudo são valorizados, como os excluídos: mulheres, crianças, camponeses, imigrantes, prisioneiros, negros, entre outros. A história passa a ser contada também a partir do ponto de vista desses grupos, que antes eram ignorados pelos historiadores. Não se estudam mais apenas os Estados nacionais e as guerras, mas até coisas inusitadas para a época, como o clima, os perfumes, a culinária, a família, o amor.

“Passou-se a ter uma postura de que toda experiência humana é história, não só na dimensão da nação e da política, mas também na do público e do privado, da família, das ruas, da experiência partidária. Ou seja, toda experiência humana é historicizável e histórica”, explica Maria Paula.

Na segunda metade do século XX, um grupo de historiadores ingleses de esquerda influenciado pelos Annales destacou-se por ter a preocupação de tentar reformular o conceito de cultura, no intuito de que ele ajudasse a entender as transformações culturais pelas quais a Europa passava no pós-guerra, principalmente, a Inglaterra, que enfrentava uma crise política e econômica. Esses pensadores fundaram uma nova disciplina, que ficou conhecida como Estudos Culturais.

Entre estes intelectuais, alguns pertenciam ao partido comunista britânico e, em discordância do stalinismo soviético, se desfilaram e formaram o movimento que ficou conhecido como a Nova Esquerda, que via a necessidade de rever o marxismo. Seus principais expoentes – Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson – eram ligados a universidades britânicas e passaram a desenvolver uma ação política voltada para a educação dos trabalhadores e, como consequência, a defender a necessidade de valorizar os valores culturais do operariado, em oposição à cultura predomi- ▶





WIKIMEDIA

nante da elite, e uma abordagem marxista dos estudos culturais. Surge, então, a chamada *History from Below*, que significa história vista de baixo.

“Esse movimento valorizava a história dos anônimos, dos trabalhadores, bandidos, rebeldes, ou seja, de extratos da sociedade que não faziam parte das elites e que não tinham sua história nos registros oficiais.

Para recuperar esse tipo de história, era preciso buscar fontes alternativas, como o registro de prisões, por exemplo, que passou a ser uma grande fonte para o estudo dos rebeldes, bandidos e das camadas populares da Inglaterra”, explica Maria Paula. Historiadores ligados a esse movimento são Eric Hobsbawm, Christopher Hill e Perry Anderson.

Outras correntes historiográficas também inovaram na forma de abordar a história e de utilizar as fontes. Influenciada pela História Nova, a História das Mentalidades surgiu para investigar e compreender as grandes alterações nas formas de pensar e agir do homem

ao longo dos tempos, com implicações na política, sociedade, economia, cultura, filosofia e religião. A perspectiva temporal é fundamental para o seu estudo.

Devido à sua grande abrangência, essa corrente ampliou consideravelmente o conceito de documento, indo muito além dos registros oficiais e dando valor igual ou superior aos atos inconscientes. Considerava a arte, a literatura, os costumes, os ritos e a religião como fenômenos essenciais para caracterizar a consciência que o ser humano tem de si em uma época específica. Promoveu a interação da história com a antropologia, a sociologia e a psicanálise.

Mais recentemente, ganhou força a história oral. Surgida nos Estados Unidos nos anos 1950, essa corrente se impôs a partir da adesão de historiadores como o inglês Paul Thompson nos anos 1970 e, no Brasil, nos anos 80 e 90. Trata-se de uma história que se baseia em fontes de diversos tipos, como o registro de tradições orais, cantos e músicas, mas tem como principal

Arqueologia: os vestígios ajudam a entender o homem

A história conta com o auxílio de várias ciências correlatas na tarefa de remontar o quebra-cabeças da trajetória do ser humano através dos tempos. Um deles é a arqueologia, matéria que trabalha essencialmente com a cultura material, que corresponde ao conjunto de tecidos, utensílios, ferramentas, adornos, meios de transporte, moradias, ou seja, tudo o que de concreto as sociedades deixaram como vestígio de sua presença na Terra. É a partir deles que o arqueólogo tenta reconstruir a existência de um povo em seu hábitat. O objeto é um instrumento que serve para compreender o pensamento, os valores e a própria sociedade que os produziu.

Rhonedes Aldora, arqueóloga do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), explica que o documento escrito pode refletir a visão da história de uma elite dominante, o que não acontece com os vestígios materiais. “O comportamento materializado, que é com o que a arqueologia trabalha, nem sempre corrobora o documento escrito”, acrescenta.

A pesquisadora afirma que a arqueologia consegue fazer a ligação dos primórdios da humanidade até a sociedade atual. “Ela estuda o homem, não importa a época. Eu posso estudar uma população humana que viveu no paleolítico inferior ou uma comunidade que viveu na década de 1960. Em ambos os casos, eu vou estudar o homem e o que ele produziu – a sua cultura”, ressalta.

A disciplina pode estudar tanto a pré-história quanto as sociedades que deixaram documentos escritos, que é o caso da arqueologia histórica. Neste caso, os arqueólogos fazem o cruzamento de fontes históricas com vestígios materiais, o que contribui para uma maior precisão e confiabilidade das interpretações. No Brasil, a arqueologia histórica se volta para a pesquisa das ocupações humanas que se estabeleceram no período subsequente à chegada dos portugueses em 1500.



Rhonedes Aldora

característica o registro de depoimentos orais através de longas entrevistas que seguem uma metodologia específica.

“A história oral está muito relacionada à memória de um determinado evento ou a situações históricas que não tiveram, por diferentes motivos, registro oficial, como as experiências nos campos de concentração e de refugiados, as lutas contra os regimes militares, as experiências de vida e de movimentos de trabalhadores e de classes populares. Muitas vezes, a única maneira de recuperar essas experiências é a partir dos depoimentos orais. A história oral tem uma face de militância, ela tem a marca de tentar dar a voz a quem não a teria de outra forma”, explica Maria Paula, que trabalha com história oral na UFRJ.

Ela complementa que, com correntes como a história oral, a história saiu da linha política dos grandes personagens e também da linha da história marxista e dos Annales, que pressupunha a história como funcionamento das massas. “Nos últimos 20 anos, o foco passa a ser definido, pequeno, tentando escapar desse grande discurso da história. A historiografia procura uma história de carne e osso, com personagens que se deslocam dessas massas, mas que também não são os grandes personagens. E quando trabalha com estes, procura ver o lado humano. Mesmo a história política hoje em dia teve seu leque de sujeitos históricos e de atores políticos ampliado”, conclui a historiadora da UFRJ.

Sujeitos históricos – Os jornais, revistas e outros produtos da mídia compõem uma fonte bastante rica de pesquisa histórica largamente utilizada. Mas, além de fontes, o historiador deve considerá-los como sujeitos históricos, pois os veículos de comunicação são produtores de um discurso político. Jornais e revistas são, ao mesmo tempo, fontes e objetos de estudo.

Maria Paula Nascimento Araújo cita o exemplo do jornal *Movimento*, que foi criado no Brasil em meados dos anos 1970, em plena ditadura militar. Nele trabalhavam militantes que saíam da prisão ou da clandestinidade. “Eram militantes que estavam desgarrados e se reagruparam no *Movimento*, que se colocou como um jornal de frente de organizações políticas clandestinas, que não podiam aparecer. Todas as decisões



Maria Paula Nascimento Araújo

eram tomadas em assembléia. Dessa forma, ele é uma fonte do nível de organização e do pensamento de grupos de esquerda da época. É, principalmente, um elemento que representa a atuação dessas esquerdas. Então, é uma relação muito rica entre fonte e objeto de estudo específico”, frisa.

Fernando Lattman-Weltman, do Cpdoc, afirma que, para utilizar a fonte com controle, é preciso trabalhá-la como sujeito histórico. Segundo ele, não se pode encará-la como um documento neutro, que dará ao pesquisador uma informação sobre aquela realidade. Ele diz que, se o pesquisador tem um controle maior sobre o processo de produção e a racionalidade que conduz o ator que produziu aquela fonte, ganha-se outra dimensão.

“É claro que aumenta a margem de incerteza em relação à realidade, que tem um viés. Mas, ao mesmo tempo, você ganha um conhecimento mais rico sobre aquela realidade. Porque você percebe que os atores, naquele momento, que produziram esse fragmento estão inseridos em um contexto muito mais complexo. Ao trabalhar a fonte como objeto e sujeito da história, você ganha maior poder crítico sobre ela. E ganha uma informação ►



SAIBA MAIS

- BURKE, Peter. *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo, Unesp, 1992.
- _____. *A escola dos anais – a revolução francesa da historiografia*. São Paulo, Unesp, 1992.
- CARR, Edward Hallett. *O que é história?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ABREU, Alzira Alves de. *Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954*. In: GOMES, Angela de Castro. *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Unicamp, 1996.

que torna o seu conhecimento da realidade mais sofisticado, complexo, apesar de mais inseguro. Quando se tem acesso a fontes diferentes elas lhe dão informações diferentes sobre um mesmo tema”, diz.

Lattman-Weltman cita como exemplo a crise de 1954 no governo de Getúlio Vargas. Ele ressalta que, quando você analisa uma conjuntura política, como uma crise, e trabalha com fontes de jornais diferentes, elas lhe dão ângulos diferentes daquela situação, dimensões diferentes do que estava em jogo, quem são os atores e quais são suas razões. “No caso da crise de 1954, você percebe que, na disputa entre governo e oposição, entre Getúlio e Carlos Lacerda, há mais em jogo do que uma simples rivalidade. Você tem clivagens que envolvem a Guerra Fria; posições que envolvem a história política do país; as disputas sobre o varguismo, que vêm desde a revolução de 1930; disputas sobre projetos de desenvolvimento para o país; qual deve ser a sua vocação econômica e qual deve ser o valor máximo da política: a moralidade ou a defesa do interesse popular. Além de uma disputa de facção que quer o poder que está nas mãos da outra. Tudo isso motiva e envolve os atores que estão em jogo. Não existem vilões e mocinhos. Você consegue observar nesses atores traços de uma sociedade ampla e complexa e, o que é mais interessante, que remetem para a realidade de hoje”, comenta.

O cientista político ressalta ainda que uma informação dos meios de comunicação pode se relacionar com outras informações que dão uma interpretação sobre o fato. “Uma informação aparentemente neutra sobre a chegada antecipada da primavera na Europa, que poderia ser aparentemente sobre um mero fato da natureza, pode remeter a um processo de mudança climática. Dessa forma, você cai num tema mais amplo de aquecimento global, ou seja, em discussões de caráter social e político, que envolvem a ecologia, o comportamento humano em relação ao clima e discussões políticas do governo, da sociedade, de empresas; uma discussão científica e ética de qual é nosso papel nesse processo”, frisa.

Ele acrescenta que são vários níveis de informação, que serão processados de acordo com a nossa formação, que é similar à de muitas pessoas. “Você terá uma percepção que não é muito diferente da de outras pessoas que pertencem à mesma comunidade cultural da qual você faz parte. Ocorre o mesmo com o cinema, as novelas, minisséries e a literatura, que ajudam a criar a consciência histórica das pessoas. É claro que de uma maneira particular, já que são narrativas ficcionais, que envolvem juízos de valor, entre outras coisas. Constroem certas mitologias também. Mas toda essa informação vai construindo as nossas referências, a nossa identidade, os valores que nos são caros”, conclui. ■



WIKIMEDIA

WIKIMEDIA



DEBRET/WIKIMEDIA

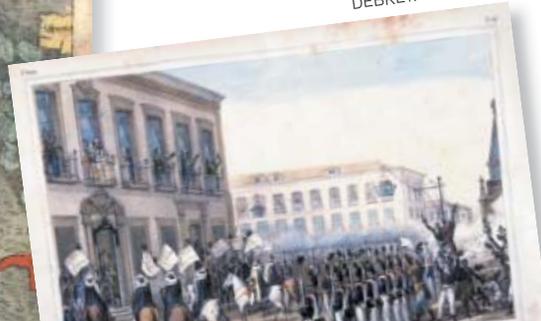


Imagem e narrativa

OSWALDO MUNTEAL* E ANA CAROLINA CRISTALDI**

O consumo faz da imagem uma representação fundamental do cotidiano. Cabe então ao professor elaborar para seus alunos o que ele está vendo, especialmente para os estudantes da educação básica. Recorrer à fotografia para estruturar uma narrativa histórica apresenta alguns desafios:

- a capacidade de persuasão de quem produz o conhecimento através da fotografia;
- o comprometimento do produtor da imagem diante da pressão que vem do conjunto das representações coletivas e das visões de mundo das quais ele próprio está impregnado; e
- a força ideológica que a imagem tem num país de leitura tão reduzida.

Os brasileiros lêem muito pouco e estão cada vez mais sensíveis à construção de um imaginário oriundo do consenso fabricado. Desta maneira, quais os possíveis caminhos frente ao estrondoso poder de produzir a verdade que a imagem tem?

Analisar a imagem como documento é algo que deve ser feito com muita cautela, pois muitas vezes temos a impressão de que a imagem torna verídico todo e qualquer fato representado por ela. É verdade que as imagens são documentos importantes na interpretação da história, afinal a visualização do acontecimento auxilia a compreensão do momento analisado, mas nem sempre as imagens atestam a veracidade dos fatos.

É por isso que o uso das imagens aliado a outras fontes históricas ou a leituras deve ser trabalhado pelo professor de forma que não distorçam a realidade dos fatos. Cabe a ele explicar o contexto da fotografia, que é essencial para a correta interpretação do fenômeno.

É possível ainda perceber a influência da imagem nas massas através da mídia. Grandes redes de televisão e de jornalismo impresso manipulam as informações para construir

um imaginário na população que não é o real, e que favorece as elites. Nesse contexto, é dever do professor destilar e analisar essas informações.

O grande problema de trabalhar com a imagem é desconhecer o contexto da sua produção. A produção da imagem como conhecimento refere-se à relação sujeito/objeto no mundo contemporâneo. Até que ponto o homem é sujeito ou objeto? O homem é aliciado diariamente pela mídia e acaba internalizando conceitos que não são seus e sim de uma elite manipuladora da mídia. É necessário criar uma consciência crítica, para que as opiniões dos homens não sejam somente baseadas nos conceitos filtrados e alterados, passados por essa mídia. Nesse sentido, é preciso que o homem deixe de ser objeto e passe a ser sujeito de sua história, buscando opiniões próprias.

Quando esse homem passa então a perceber o seu papel na sociedade, ele se torna mais ativo. No ofício de historiador, e principalmente no de professor, ser esse sujeito é importante para a interpretação dos fatos, pois quando se tem consciência crítica passa-se não só a narrar os fatos, mas a interpretá-los e perceber a importância que esses fatos representam para o mundo atual. Numa visão mais atenta do assunto, esses acontecimentos, quando munidos de documentação imagética, podem e devem ser interpretados, sem que necessariamente se creia piamente no que mostra a figura.

É visível a influência da imagem, seja ela fotografia ou vídeo, na construção da história contemporânea. Essa fonte documental, relativamente nova, abre novos campos de pesquisa histórica, podendo ser largamente utilizada para o ensino e a prática da opinião crítica, desde que utilizada com sabedoria.

WIKIMEDIA



*Professor adjunto de História Contemporânea na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha).

**Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação da Uerj (Pibic-Uerj), com licenciatura e bacharelado em História pela mesma universidade.

O escritor indiano Rabindranath Tagore e Gandhi em 1940

Nem tudo é como parece ser

Apesar de 30 anos de desmatamento, o Brasil é um dos países que mais mantêm a cobertura florestal



Queimada próxima da área urbana em Campinas (SP)

GRAZIELLA GALINARI

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

DIVULGAÇÃO EMBRAPA

O desmatamento e as queimadas estão entre os muitos vilões responsabilizados pelo aquecimento global. Entretanto, é preciso compreender por que essas práticas contribuem para as drásticas mudanças climáticas previstas para as próximas décadas no nosso planeta. Estudiosos também mostram o que é polêmico nessa preocupação mundial. O relatório do Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), órgão ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado há dois meses, mostra que 75% das emissões brasileiras de CO₂ na atmosfera vêm das queimadas nas florestas. Entretanto, a terceira parte do documento aponta que é possível reverter esse quadro se forem preservadas as áreas de vegetação tropical.

No estudo do IPCC, pela primeira vez, a conservação da cobertura vegetal original e o combate ao desmatamento são mencionados como ações mitigadoras (amenizadoras) do

aquecimento global. No mundo todo, houve aumento de 40% das emissões de dióxido de carbono na área florestal entre 1970 e 2004. O relatório informa que cerca de 65% do total potencial de mitigação está localizado na região dos trópicos. Portanto, a metade das metas de redução pode ser atingida evitando-se a devastação florestal. Segundo o IPCC, a proteção às florestas pode trazer outros benefícios, como, por exemplo, a conservação da biodiversidade e de mananciais, a produção de energia renovável e a redução da pobreza.

De acordo com o meteorologista e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) Carlos Nobre, o Brasil tem uma parcela de responsabilidade nesta questão. “No nosso país, 45% de toda energia é renovável. Além disso, 90% da energia elétrica vêm de fontes renováveis. Portanto,

a maior contribuição do Brasil para evitar as grandes alterações climáticas seria mesmo a conservação das suas florestas”, ressalta. Isto porque, no que diz respeito às emissões nas áreas de energia, o Brasil precisa continuar investindo em energias limpas, reverter apenas o crescimento de termelétricas baseadas na queima de combustíveis fósseis e diversificar a matriz com fontes não-convencionais, como a biomassa e a energia eólica e solar.

Esse desafio brasileiro de conter o desmatamento pode não ser tão fácil quanto parece. Segundo estudo do Inpe, foram desmatados, em 2006, na Amazônia, 14 mil km² e, em 2005, 19 mil km². Há 30 anos, as taxas anuais de desmatamento na região variavam entre 15 mil e 20 mil km², com picos entre 29 mil km² e 26 mil km², respectivamente em 1995 e 2003. A área de cerrado no Centro-Oeste do país também está ameaçada: no último ano sofreu uma perda de 26 mil km². “Enquanto que o desmatamento na Amazônia é para a extração de madeira, para formar áreas agrícolas e também para a pecuária, a vegetação do cerrado está sendo praticamente substituída somente para a agricultura. O mais importante agora é conter esse desmatamento, mas não podemos pensar nisso sem apresentar alternativas econômicas para as regiões, já que muitas pessoas dependem dessas atividades para sobreviver”, afirma Nobre.

A queimada, prática bastante usada na agricultura e pecuária, é alvo fácil dos ambientalistas que explicam as causas do aquecimento global. É consenso que, ao atear fogo, estaríamos lançando CO₂ na atmosfera, aumentando o efeito estufa e aquecendo o planeta. Mas a explicação pode não ser tão simples quanto parece. O chefe-geral da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Monitoramento por Satélite, Evaristo Eduardo de Miranda, diz que as queimadas em áreas já de agropecuária não aumentam tanto a emissão de dióxido de carbono e a sua contribuição para o aquecimento global seria praticamente nula.

“A grande maioria das queimadas não contribui essencialmente para o efeito-estufa ou para a mudança da atmosfera. Vamos a um exemplo: a palha de cana é queimada e o carbono vai para a atmosfera. O mesmo

ocorre com a queima do bagaço e do álcool nos veículos. Mas depois essa mesma cana volta a crescer e retirar de novo da atmosfera a mesma quantidade de carbono. Porque o combustível é renovável”, argumenta Miranda, que também é doutor em ecologia. Ele usa o mesmo raciocínio com as pastagens de gado. Imagina-se um pasto: ele é queimado no período seco, mas na primavera volta a crescer e retira a mesma quantidade de carbono da atmosfera.

A grande discussão nesta questão é saber separar que tipo de queimada realmente contribui para o efeito estufa. Segundo o chefe da Embrapa Monitoramento por Satélite, o Brasil deveria discutir melhor este relatório do IPCC sobre emissão de dióxido de carbono. “A maioria das queimadas no país está em regiões agrícolas e de pecuária, e não contribui para grandes alterações climáticas do planeta. As queimadas que realmente têm culpa nisso são as que seguem o desmatamento”, afirma.

Outro ponto que não está claro para a maioria das pessoas é que queimada não é sinônimo de desmatamento. Uma mesma região, desmatada há mais de um século, pode queimar durante todos os anos, sem que ocorram novos desmatamentos. Isso ocorre bastante, em grande parte das regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Já na Amazônia, quase todo o desmatamento é seguido de queimadas para a eliminação de galhos e de restos vegetais. A madeira é vendida, mas o resto é queimado. De acordo com Miranda, nas áreas de assentamento é freqüente que até boa parte de madeira seja queimada e, nesse caso, a queima contribui para o efeito estufa, pois as pequenas culturas plantadas não têm como retirar da atmosfera a mesma quantidade de carbono emitida. Portanto, quando se fala em Amazônia, Miranda concorda com os ambientalistas em que a política de desmatamento contribui para a redução de queimadas.

Para deixar claras as suas reflexões, Miranda afasta qualquer sugestão de que ele seria a favor das queimadas. Tanto não é que um dos objetivos do órgão em que atua é justamente monitorar as queimadas existentes nas áreas verdes do país, compreender os motivos pelos quais elas são utilizadas e oferecer alternativas para substituí-las na agricultura e na ▶

SAIBA MAIS

- O assunto aquecimento global é tema de três edições de **NÓS DA ESCOLA**. No número 43, o foco é a geração de energia; no 44, a discussão é sobre combustíveis e o número 48 trata do Protocolo do Rio, um documento assinado pela Prefeitura do Rio com ações de combate às grandes mudanças no clima.
- O site **Século XXI da MULTIRIO** tem uma CHAVE específica sobre mudanças climáticas. Basta acessar <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/>.

pecuária. “Apesar de este tipo de queimada não contribuir para o aquecimento global, ela prejudica a qualidade do ar na época em que está sendo feita. Se escapar do controle do agricultor, então, pode se alastrar e provocar danos ao patrimônio público e privado, afetando linhas de transmissão de energia, destruindo reservas ecológicas e residências, pondo em risco a vida humana”, complementa o especialista em ecologia.

Pensa-se em queimada e incêndio como coisas semelhantes, e, conceitualmente, é preciso saber separá-los. Como as queimadas agrícolas atingem pequenas áreas e têm hora para começar e acabar, seus danos são limitados. Já os incêndios são acidentais. Ninguém se responsabiliza por ficarem fora de controle e atingirem grandes áreas. Segundo o chefe da Embrapa, a vegetação de floresta tropical não entra em combustão facilmente e, por isso, no Brasil, os incêndios são muito raros. Em contrapartida, pinheirais e outras vegetações de regiões de clima mediterrâneo como os Estados Unidos, o Chile, a Austrália, a Espanha e outros países têm facilidade de queima.

Esses acidentes, se não forem seguidos de uma política de reflorestamento imediato, estarão, sim, contribuindo para o aquecimento global, já que emitem grandes quantidades de gases de efeito estufa. Entretanto, por serem acidentais, não entram no relatório do IPCC. “A emissão por desmatamento seguido de queimadas é muito menor do que se divulgou. Em contrapartida, os incêndios na Califórnia, que queimam muitos quilômetros de floresta não constam no documento, justamente porque são acidentais”, ressalta Miranda.

Apesar do desmatamento dos últimos 30 anos na Amazônia, o Brasil é um dos países que mais mantém a sua cobertura florestal.

Segundo estudo da Embrapa, ainda existem 69,4% das florestas primitivas em território brasileiro. Isso também eleva o percentual da América do Sul, que é o continente que mais detém suas florestas originais: 54,8% delas. O mesmo não se pode falar dos outros continentes, que juntos não têm nem metade deste total. Dos 100% de suas florestas originais, a África mantém hoje 7,8%, a Ásia 5,6%, a América Central 9,7% e a Europa apenas 0,3%. Por esse motivo, especialistas afirmam que o Brasil tem grande autoridade para tratar do assunto frente às críticas quanto a sua preservação ambiental.

Entretanto, por ser justamente o país com grande potencial verde, o Brasil pode dar uma enorme contribuição mundial se estabelecer políticas de preservação. Um respaldo do painel do clima para países que evitem o desmatamento pode ajudar, já que vem de encontro à proposta brasileira, apresentada na Convenção do Clima, de criar um fundo voluntário para compensar os países tropicais para reduzirem a perda de carbono de suas florestas. “O Ministério do Meio Ambiente tem como meta aprontar para daqui a dois ou três anos o Plano Nacional de Enfrentamentos de Mudanças Climáticas, que será submetido ao Congresso Nacional. Os pontos abordados serão o que fazer para incentivar a mitigação da emissão de gases de efeito estufa e como adaptar o país às mudanças climáticas”, afirma o pesquisador do Inpe.

No que diz respeito às queimadas, a Embrapa já faz o seu trabalho monitorando as regiões em que elas ocorrem e oferecendo alternativas tecnológicas que as substituam. Em São Paulo, por exemplo, 25% da cana-de-açúcar está sendo colhida com colheitadeiras mecânicas sem a queima da palha. Foi firmado compromisso entre governo e canavieiros de que até 2014 somente máquinas serão utilizadas nesta cultura, em locais onde for possível fazer a colheita mecanizada. O mais difícil, na avaliação do chefe da Embrapa é reduzir as queimadas em áreas indígenas, já que a técnica da coivara é usada por eles há quatro mil anos. “Uma das regiões mais afetadas é a fronteira do Brasil com Suriname, onde se chega a ter queimadas em uma extensão de 50 quilômetros”, alertou. ■

Floresta após queimada, em Rondônia



JOSE PAULO FRANZIN



Diferenças sem desavenças

A escola é o espaço ideal para incentivar a tolerância e a convivência entre grupos distintos

De um lado do pátio, um grupinho desfila tatuagens enormes, correntes grossas e *pier-cings*. De outro, o estilo é marcado por cabelos descoloridos, que ganham o complemento de bermudões compridos e camisetas regata quando o uniforme escolar vai para o armário. Outro grupo se destaca pela pele alvíssima, contrastando com as roupas escuras e a maquiagem carregada. Retratos de uma adolescência que constrói a sua identidade a partir da inserção em diferentes grupos, as tribos urbanas são numerosas e bastante mutáveis. Nas ruas e nas escolas, é possível identificá-las por gostos, estilos de comportamento e, sobretudo, características do vestuário e acessórios. Um pouco mais difícil, no entanto, é lidar com o fato de que os adolescentes se envolvem cada vez mais profundamente com estes grupos e as atitudes que eles pregam. Pais se sentem temerosos quando os filhos começam a usar apenas roupas pretas ou passam a demonstrar uma tendência ao cultivo da melancolia. Mais

complicado ainda é enfrentar as possíveis rixas que se desenvolvem entre tribos diferentes. Por isso mesmo, é preciso entender este fenômeno, abrindo com os adolescentes um campo de diálogo que propicie o incentivo à tolerância.

A identificação dos jovens com grupos que determinam o seu comportamento não é novidade. Ao longo do tempo, o que muda constantemente é sua motivação. Nas décadas de 1960 e 70, por exemplo, as tribos se identificavam mais por questões sociais ou políticas. Atualmente, os agrupamentos podem ser determinados por preferências musicais, caso dos *funkeiros* e emos; pela devoção a uma atividade, como os surfistas e skatistas; ou simplesmente pela moda, que dita o comportamento de patricinhas e mauricinhos. Sejam quais forem as tribos e suas preferências, no entanto, o sentido da devoção do adolescente é o mesmo. Para Maria Cláudia Coelho, professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

ILUSTRAÇÕES

ESCULTURAS DE

ADRIANA SIMEONE,

ALESSANDRA OLIVEIRA,

ALEX LOPES, ALINE CARNEIRO,

BRUNO RIBEIRO E

GUSTAVO CADAR

FOTOGRAFADAS POR

ALBERTO JACOB FILHO

(Uerj), o fenômeno é parte da constituição da identidade através do sentimento de pertencimento. “Quando somos aceitos em um grupo, nossos pares fazem um papel fundamental no processo de construção de identidade: dizem quem somos através da semelhança com eles e da diferença em relação aos não-membros do grupo”, explica a professora.

Identificar-se, portanto, como gótico, metaleiro ou *clubber* é parte do processo de amadurecimento do adolescente. Em uma fase em que se encontra perdido entre o não ser mais criança e o ainda não ser adulto, ele se define e se fortalece no compartilhamento de valores, visões de mundo e conceitos.

Nas grandes cidades, o fenômeno das tribos é mais evidente. De um lado, é certo, pesam as influências da mídia. Mas há também o efeito de características próprias das metrópoles, como destaca a professora Helena Bomeny, também do departamento de Ciências Sociais da Uerj. “As formas de convivência nas grandes cidades são marcadas pela fragmentação. Não há um código ou valores hegemônicos com os quais a pessoa possa se identificar sem dúvidas. A necessidade da segurança que a participação em um grupo proporciona abre espaço para as tribos”, argumenta.

Como reflexos naturais do processo de amadurecimento e vivência dos tempos modernos, portanto, as tribos devem ser encaradas com tranquilidade por pais e professores. A princípio, não há problema algum no fato de um adolescente encher o corpo de *piercings*. Ou se não quiser perder um só dos acessórios da moda, mudando de estilo ao sabor das estações – neste caso, ressaltados, naturalmente, os exageros em relação ao consumismo. Reprimir não ajuda. Até porque, muitas vezes, os comportamentos considerados “estranhos” pelos pais são adotados como forma de contestação e só tendem a se acirrar com a repressão.

Na opinião de Maria Cláudia, aceitar os cabelos coloridos ou a maquiagem pesada pode se tornar mais fácil quando pais e professores buscam compreender os sentidos destas escolhas. “Coisas que chocam esteticamente os pais podem simplesmente estar sendo utilizadas pelos filhos para dizer quem são, como se vêem no mundo, para mostrar

adesão a valores que são escolhas tão legítimas quanto quaisquer outras com as quais os pais se sentem mais seguros por estarem mais familiarizados com elas”, explica. O diálogo, portanto, é sempre o melhor caminho. Conversando, é possível entender as escolhas dos adolescentes. Da mesma forma, a conversa pode afastar temores como a impressão de que problemas como a violência e o uso de bebidas ou drogas estejam associados ao envolvimento com determinado grupo.

De um modo geral, as tribos são bem mais inofensivas do que muitos pais podem pensar. O problema só começa quando a identificação com um grupo se manifesta na forma de intolerância em relação aos integrantes de um grupo diferente. Em alguns casos, o envolvimento excessivo com uma tribo pode desencadear episódios de preconceito, discriminação e até brigas. “Se pensarmos que é da natureza da identidade definir-se pela exclusão de quem é percebido como o outro, o envolvimento excessivo pode fazer a pessoa perder de vista o respeito pela diferença, ou seja, pelo direito do outro de fazer escolhas diferentes”, avalia Helena. Mais uma vez, o melhor remédio é o entendimento. E pais e professores têm aí um papel importante. “Se a postura deles não for normativa, mas de entendimento do valor de cada tribo, o adolescente terá a porta aberta para respeitar a tribo alheia e cobrar o respeito à sua”, completa Helena.

O ambiente escolar é ideal para o exercício da tolerância. Em primeiro lugar, por ser o espaço onde diferentes tribos convivem diariamente. Mas também pelo que pode representar no dia-a-dia dos adolescentes. As professoras Helena e Maria Cláudia desenvolveram, em conjunto com João Trajano, uma pesquisa que investiga o cotidiano de escolas do Rio de Janeiro. Elas ressaltam, nos relatos dos professores, a ênfase na importância de se desenvolver nos alunos um apego pela escola como uma comunidade que abrange a todos e que deve se sobrepor às diferenças. Cumprida esta tarefa, ganha a tolerância, como concluem as professoras: “Se uma estratégia desse tipo for acrescida de um sentido de comunidade que é forte porque é capaz de incorporar grupos diferentes, o grande passo em direção à tolerância já estará anunciado”. ■

O beabá das tribos



• **Patricinhas e mauricinhos** – Vivem em função da moda e estão sempre “arrumadinhos”. Não saem de casa sem um bom perfume ou com um fio de cabelo fora do lugar.



• **Surfistas** – A prancha é sua companhia inseparável. Podem ser identificados pelos bermudões largos, os óculos escuros e os cabelos compridos, às vezes descoloridos.



• **Góticos** – Cultivam a melancolia como filosofia de vida. Usam roupas escuras e maquiagem muito carregada, sempre em contraste com a pele branquíssima, que parece anos-luz distante dos raios de sol.



• **Metaleiros** – Curtem o rock pesado e usam *piercings*, muitas correntes grossas e tatuagens enormes. Os cabelos são sempre compridos e desgrenhados.



• **Clubbers** – São amantes de música eletrônica e não passam um final de semana sem ir à boate. Seu vestuário se caracteriza por roupas berrantes e coloridas, acessórios modernos e penteados excêntricos.



• **Otaku** – São os amantes das animações japonesas, que costumam participar de encontros trajando-se como os personagens dos filmes e desenhos que admiram.



• **Funkeiros** – O que os identifica é o gosto pelo *funk*, mas também têm gíria própria. O vestuário inclui casaco com capuz, cordão, calça cargo, cabelo descolorido e cavanhaque pintado para os meninos e, para as meninas, calça de cintura baixa justíssima, shorts curtos e tops que deixam à mostra a barriga.



• **Emos** – São fãs do *emotional hardcore*, segmento do *punk* que mistura letras românticas e som pesado. Usam cabelos lisos, com franja sobre os olhos, misturam acessórios característicos do *punk* com ícones do universo infantil, expressam abertamente suas emoções, escrevem diários e poesia e pregam a tolerância quanto à opção sexual.



• **Marombeiros** – Frequentam a academia diariamente e adoram exibir os músculos sarados. Gostam de alimentação natural e estão sempre de dieta. O vestuário dos meninos inclui camisa justa e bermudão, enquanto no das meninas os destaques são o short e a minissaia.

Um golpe a favor da paz

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

O Currículo Básico Multieducação prevê que “cabe à sociedade, através de instituições como a família e a escola, propiciar experiências, trocas interpessoais e conteúdos culturais que, interagindo com o processo de maturação biológica, vão permitir aos alunos envolvidos no projeto a aquisição de capacidades cada vez mais elaboradas de conhecer e atuar no mundo físico e social”. Recorrendo a este princípio, publicado na página 41 da *Múlti*, o professor Antônio José Nogueira de Lima justifica o projeto que há quatro anos desenvolve com turmas de educação infantil no Ciep Wagner Gaspar Emery e que vem aos poucos contribuindo para a melhora da concentração de crianças mais agressivas e na relação delas com a comunidade escolar, apurando a coordenação motora dos alunos e trabalhando noções de ética e disciplina.

Antônio José é professor de educação física e faixa preta de judô e, desde 2004, desenvolve a proposta Gasparzinho – Escolinha de Judô com seus alunos do ciep, localizado em uma comunidade em Inhoaiba, Campo Grande, na Zona Oeste, que vive, como tantos pontos de nossa cidade, um

cotidiano com episódios de violência. “Fui criado em comunidade até os 13 anos e com este esporte comecei a sonhar. Não fui um grande atleta – apenas razoável –, mas percebi que com esta prática havia melhorado minha auto-estima e minha saúde física e mental. Quando comecei a dar aulas achei que podia oferecer com meu trabalho muito mais do que as aulas de futebol e queimada”.

É o que tem conseguido, se valendo dos conceitos educativos, filosóficos e morais do judô para aprimorar as relações entre as crianças do ciep e entre elas e a comunidade escolar. “Eles aprendem, por exemplo, que vencer a todo custo tem menos valor do que saber perder quando necessário; que ser bom aluno e saber questionar no momento certo e respeitosamente os professores e os pais é importante; que o praticante de judô deve se manter afastado dos vícios e dos hábitos que contribuam de forma negativa ao seu desenvolvimento; e que, no judô, o mais fraco tem a chance de vencer o mais forte com suavidade”, informa Antônio José.

A riqueza de movimentos oferecida por esta arte marcial é fundamental ainda para

As muitas dimensões do corpo em movimento

O homem é um ser essencialmente social; produtor e reprodutor de cultura. Os atuais paradigmas da educação física consideram os conteúdos a serem trabalhados como expressões culturais. Assim, a atuação nessa área tem que estar ligada a um conjunto de práticas que envolvem o corpo e os movimentos criados pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes. Isto é, deve-se considerar o corpo em suas dimensões cultural, social, política e afetiva; que interage com o outro e se movimenta na sociedade. Portanto, a educação física deve ser entendida como a área do conhecimento que trabalha com a cultura corporal.

Garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal contribui para que cada um desenvolva conhecimentos sobre o seu corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, de forma crítica, principalmente, no que tange aos padrões de beleza e saúde circulantes na sociedade. Além disso, devemos considerar que o lazer e a disponibilidade para as atividades lúdicas são direitos do cidadão.

Dar à criança a possibilidade de refletir sobre suas potencialidades corporais para utilizá-la de forma social e cultural, adequada a cada faixa etária, é primordial.

(CRISTINA CAMPOS)



Nas aulas do professor Antônio, os alunos têm o que ele chama de “educativo de quedas”: eles aprendem a cair sem se machucar

trabalhar aspectos psicomotores, além de ser útil, como todos os outros ensinamentos, para o resto da vida. Nas aulas do judoca, os alunos têm o que ele denomina de um “educativo de quedas”. Eles aprendem, literalmente, a cair sem se machucar.

Na prática – As aulas são dadas duas vezes por semana para cada turma, sendo que em uma delas são realizadas outras atividades não necessariamente ligadas ao judô, mas que contribuem indiretamente para a prática do esporte. Funciona assim: em uma brincadeira do tipo Gato e rato, por exemplo, onde todos formam um roda procurando proteger o rato do gato, são desenvolvidas noções de cooperação, força, concentração, velocidade, agilidade. “Acaba sendo uma aula mais à vontade, em que

faço intervenções na medida do necessário”, observa o professor. No segundo dia de aula, os conceitos e os movimentos da luta são trabalhados diretamente. Geralmente são enfatizados conteúdos inerentes ao esporte, como a importância da saudação, os amortecimentos de quedas e, em turmas mais adiantadas, os movimentos de quedas e imobilizações. Antônio recorre ainda a vídeos, pelo menos uma vez por bimestre, que enfatizam as regras, mostram uniformes, as áreas de luta no tatame, além de conceitos mais gerais de espaço como dentro e fora, alto e baixo, por exemplo.

Alguns resultados práticos vêm sendo percebidos, desde o início do projeto. Quem nos conta é a coordenadora pedagógica da escola, Isaura Ferreira de Oliveira Modesto: “A organização das crianças na sala, ▶

no espaço da escola e em relação a seus pertences melhorou bastante. Eles estão mais disciplinados. A concentração deles também melhorou. Outra coisa importante é o aprendizado das quedas. Acho que estão se protegendo melhor ao cair e se machucam menos.” Antônio concorda e completa dizendo que as crianças das turmas mais adiantadas, do final do primeiro ciclo de formação, estão mais preparadas para dialogar, entendem melhor a dinâmica de trabalhar em grupos, respeitam mais os colegas e, por conta disso, não os agredem por motivos banais, pois os enxergam como colegas das atividades.

Avaliação – Todo o trabalho é avaliado, continuamente, ao longo do ano. “Entendo que este processo não pode ser condicionado a um momento, uma prova, pois nem sempre o aluno está apto, emocionalmente, para agüentar. Também não vejo como positivo avaliar o aluno pelo desempenho em competições, já que formar atletas competidores não é a proposta da atividade física na escola”, observa o professor Antônio José. Sendo assim, ele realiza uma prova prática de conteúdos em que enfatiza para os alunos que seu objetivo não é punir os que erraram, mas ajudá-los posteriormente, repassando novamente de maneira mais clara as noções em que venham a ter dificuldade.

Ele busca ainda ajudar as crianças que se mostrem mais frágeis emocionalmente na hora de fazer a prova, inclusive ajudando e permitindo, segundo ele, que os colegas passem “uma cola”. “O que importa para mim no tatame é o interesse que o aluno tem em estar ali e em melhorar”, diz. Antônio lança mão também da observação dos alunos em relação à melhora contínua, ao trato com os amigos, à agressividade, à educação na escola. Ele acaba, assim, avaliando o grupo como um todo. E a apresentação de final de ano é o resultado de todo este processo.

PPP – A proposta Gasparzinho está em total sintonia com o projeto político-pedagógico da escola Todos pela Paz, que nasceu da necessidade de implementar ações que diminuíssem os níveis de agressividade dos

Deu certo

- Alunos que normalmente seriam tidos como brigões, difíceis, violentos passaram a exercer a sua liderança de maneira positiva, inclusive se preocupando em auxiliar os colegas de turma.
- A constatação de que os responsáveis pelas crianças percebem, nas apresentações de final de ano, que seus filhos podem realizar algo diferente, de forma organizada e da melhor maneira possível.
- Aumento da auto-estima das crianças e de seus níveis de concentração.
- O acesso das crianças da escola a um esporte que normalmente não é difundido nas comunidades mais carentes da cidade.

Poderia ser modificado

- Ainda não há uma sala própria para a prática do judô na escola. Seria interessante que houvesse um espaço com tatame adequado. Por enquanto as crianças praticam o esporte em cima de um tatame de EVA.
- Com uma sala própria, seria possível aumentar a carga horária das aulas e ter aulas extras, fora do horário da escola, para os alunos que se interessassem em continuar a praticar o esporte.

alunos no ciep e fora dele. “Acredito que o judô é um dos caminhos seguros para canalizar a energia das crianças, transformando o que inicialmente seria ruim em algo positivo. O aluno direciona seus esforços para vencer em um combate e não brigar e, quando não consegue, cumprimenta seu adversário em um gesto de humildade e paz para depois se esforçar no seu aperfeiçoamento”. ■

Um passeio pelo continente

Os alunos da Escola Municipal Marechal Hermes, de Botafogo, fizeram um passeio e tanto por oito países das Américas muito bem acompanhados. Cauê, mascote dos Jogos Pan-americanos, foi apresentado ao jardim de infância pelo amigo Picote, velho conhecido das turmas de educação infantil, e convidou as crianças a conhecerem a cultura da Argentina, Paraguai, Cuba, Estados Unidos, Peru, México, Costa Rica e, como não poderia deixar de ser, do nosso verde-e-amarelo Brasil.

Intitulado Cauê e Picote Viajando pela América, o segundo trabalho deste ano da escola – cujo tema do projeto político-pedagógico, de acordo com a diretora Maria da Glória Duarte da Cunha, é Um Jardim de Infância do Tamanho do Mundo – empolgou a criançada. A proposta, como tantas outras da Rede, foi inspirada no Pan e culminou com dois eventos: nos primeiros dias deste mês aconteceu uma grande competição esportiva, chamada Pan da Paz, além da tradicional festa junina da escola. “Promovemos competições de cor-

rida, chute a gol, bola na cesta, organizamos um desfile das equipes e, no encerramento, fizemos a distribuição de medalhas”, conta a coordenadora pedagógica Ana Paula Aleixo.

As atividades começaram em maio, dando continuidade a uma outra proposta muito bem sucedida, que trabalhou noções de identidade com as crianças a partir da história do boneco Picote. Segundo Ana Paula, as crianças se identificaram muito com o projeto Picote. Por conta disso, ao discutirem no centro de estudos sobre o próximo trabalho, foi definido que o Picote apresentaria um amigo, o Cauê, à escola e que, juntos, todos fariam o tal passeio pela cultura das Américas e convidariam os povos desses lugares para uma grande festa que aconteceria no Rio de Janeiro, os Jogos Pan-americanos.

A idéia funcionou. Em cada turma, as professoras contaram que Picote traria um amigo novo. O aviso chegou por telefone em algumas salas, em outras por *e-mail* e, em outras mais, por carta. As crianças entraram de cabeça ▶

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



SAIBA MAIS

Livros

- *Picote o menino de papel*, de Mario Vale, Ed. RHJ
- *Cauê no Rio – uma aventura nos Jogos Pan-americanos Rio 2007*, de Luciana Sandroni, para inspirar o trabalho

na fantasia. A professora Bruna Maria Carneiro conta que seus alunos viram por acaso em cima de um móvel na sala de aula o papel com a imagem do Cauê onde ela havia anotado, nos centros de estudos, os passos do novo projeto de trabalho. Imediatamente acharam que era a tal carta do Picote. Carta, e-mail, telefone, não importou a forma do aviso – o fato é que o Cauê chegou e logo se tornou um boneco de sucata, tal qual o Picote. A partir daí, uma série de atividades foi trabalhada, todas seguindo o viés de mostrar os hábitos e costumes dos países americanos e estabelecer relações entre eles, contemplando os conteúdos definidos para a faixa etária das crianças, de quatro a seis anos. “No contexto da cultura americana, tratamos, entre outros conteúdos, de noções topológicas, quantidade, noções de perto e longe e cores. Vimos também os meios de transporte e os de comunicação, por conta dos avisos da chegada do Cauê”, observa Ana Paula.

Na prática, os alunos puderam observar o mapa-múndi, para localizar o continente americano e perceber as partes de terra e de mar, onde é frio, onde é calor, onde tem praia, onde não tem, locais parecidos e diferentes, onde fica o Brasil, o Rio de Janeiro. “Nessa atividade trabalhamos muito os meios de transporte. Conversávamos sobre quando podíamos ir de carro, de navio, de avião, de ônibus, a pé”, conta Bruna. Os alunos viram imagens de vestimentas, pratos e danças típicas dos países, selecionados em livros, e também de

Percorrer e conhecer caminhos distantes

A literatura está presente na trajetória do homem desde os tempos mais remotos e está diretamente ligada a uma busca pela compreensão dos mistérios e mitos da nossa existência.

Ao ouvir um conto de fadas, a criança tem a oportunidade de experimentar desejos, medos e angústias, vivenciando as aventuras vividas por seus personagens.

Através da literatura, principalmente no espaço

escolar, é possível percorrer e conhecer caminhos distantes, mágicos e diferentes. É função da escola alimentar o gosto pela leitura e permitir que alunos tenham a oportunidade de manusear um livro.

Ao libertar os alunos para que leiam, mesmo “sem entender tudo”, o professor os estará lançando ao verdadeiro universo da literatura.

(CRISTINA CAMPOS)

Deu certo

- Ter criado um projeto partindo da experiência bem-sucedida do projeto anterior, no caso, ter usado o personagem Picote para apresentar o Cauê.
- O envolvimento dos pais na proposta, ao doar materiais para a escola e fazer relatos sobre a permanência do boneco Cauê em casa, que foram aproveitados nas conversas com os alunos em sala.

O que foi difícil

- Dar materialidade ao viés da cultura escolhido como tema do projeto. Foi difícil tornar concretos alguns temas para os professores fundamentarem seu trabalho, por conta da dificuldade em encontrar suportes de pesquisa sobre o assunto.

pontos turísticos do Rio de Janeiro. Ouviram CDs com ritmos das Américas e observaram a diferença das formas de falar. O resultado de tanto estímulo visual e sonoro, além das muitas conversas em sala de aula, em um investimento grande na capacidade narrativa oral das crianças, sobre o que viram e ouviram, pode ser visto por toda a escola. As paredes estão repletas de cartazes e desenhos em vários suportes; as mesas estão cheias de maquetes de pontos turísticos da cidade e esculturas de massinha e argila.

Capítulo à parte em todo o projeto é a visita do Cauê à casa das crianças nos finais de semana e o passeio delas pela cidade. Tanto em uma atividade quanto na outra, os pais se mostraram bem participativos, ao trazer para a escola relatos da rotina do boneco em casa e ao levar os filhos aos locais de encontro dos passeios – um deles partiu da estação Siqueira Campos e seguiu com o ônibus metrô-integração, que tem estampado o personagem do Cauê, até a Barra da Tijuca, fazendo um reconhecimento da cidade; o outro levou o filho ao campo do Botafogo, onde puderam ver em ação atletas praticando várias modalidades esportivas. ■

A cidade de duas estações

Central do Brasil e Leopoldina guardam histórias que começaram com a expansão da cultura do café



O primeiro prédio da Estação da Corte, atual Central do Brasil

Conhecida internacionalmente desde que apareceu na festa do Oscar como cenário e também como título do filme de Walter Salles, a estação da Central do Brasil (oficialmente batizada de D. Pedro II) já nasceu imponente e sua história se confunde com o desenvolvimento das estradas de ferro no país. Enquanto ela resiste ao tempo e às sucessivas crises do setor ferroviário, outra estação, a da Leopoldina (também conhecida por Barão de Mauá), está desativada e seu prédio funciona como espaço para eventos.

As ferrovias no Brasil saíram do papel no auge do ciclo econômico do café, já que era necessário escoar a produção de grãos. Em 1855 foi assinado contrato com o engenheiro inglês Edward Price para a construção de uma estrada de ferro que ligasse a então Estrada de São Cristóvão a um ponto junto ao Rio Guandu, batizado de D. Pedro II. Após impasses de ordem técnica e política, foi reconhecida

a conveniência de uma estação que partisse do Campo da Aclamação (atual Praça da República). Começou então a ser esboçada a construção do prédio da Central do Brasil, cujo primeiro nome foi Estação da Corte. A obra começou em 1855 e a inauguração aconteceu em 29 de março de 1858, com a presença do imperador D. Pedro II. Em 1889, com a proclamação da República, a edificação passou a ser chamada de Estação do Campo, e em 1925 recebeu o nome definitivo: D. Pedro II.

Em 1852 os trens eram compostos por locomotiva, carros de passageiros de primeira, segunda e terceira classes e vagões. Os carros de terceira classe tinham bancos de madeira, eram abertos nas laterais e o acesso a eles era gratuito. A partir de 1870, os trens de passageiros passaram a ser semelhantes aos norte-americanos, com corredores centrais e comunicação entre eles. Tinham primeira, ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

DIVULGAÇÃO/CBTU

SAIBA MAIS

Livros

- GUIMARÃES, Benício Domingues. *Os 50 anos da eletrificação dos trens de subúrbio do Rio de Janeiro (1937-1987)*. Editora CBTU.
- RODRIGUES, Hélio Suêvo. *A formação das estradas de ferro no Brasil: o resgate da sua memória*. Editora Memória do Trem.
- SOUKEF, Antônio Júnior. *Leopoldina Railway: 150 anos de ferrovia no Brasil*. Editora Dialetto.

segunda e terceira classes, bagageiros e, eventualmente, carros fúnebres. Naquele ano também a Estação da Corte foi ampliada para atender à então crescente demanda de transporte. Em 1879, após Inglaterra e França, o Brasil viveu sua primeira experiência com iluminação elétrica em estabelecimentos públicos, e o prédio escolhido foi o da Estação da Corte.

Em 1890, o prédio passou por novas reformas. Resistiu até 1937, quando o presidente Getúlio Vargas instituiu políticas de modernização de instalações e vias públicas. Na ocasião, para construir a Avenida Presidente Vargas, era preciso demolir todo o quarteirão entre a Praça 11 de Junho e a Candelária, incluindo parte dos jardins do Campo de Santana. Com isso, os prédios do Ministério da Guerra e da estação D. Pedro II tiveram que ir abaixo.

A estrutura do novo prédio começou a ser erguida atrás da velha estação. A inauguração oficial da obra – um edifício de 32 andares com uma torre de 134 metros e um gigantesco relógio de quatro faces e, ainda, um outro edifício menor de oito andares – aconteceu em 29 de março de 1943, quando foi acionada a chave que fez o relógio funcionar. O prédio, hoje um marco da arquitetura *art déco* do Rio, tem seu acesso facilitado por uma estação de metrô e por um terminal rodoviário no entorno. Segundo a concessionária Supervia, que administra a ferrovia, cerca de 600 mil pessoas circulam diariamente pela Central do Brasil. Em 1996,

o prefeito Cesar Maia assinou decreto autorizando o tombamento do prédio da estação.

Crise desde o início – A história da Estação Barão de Mauá, conhecida popularmente por Leopoldina, começou em meio a uma série de impasses jurídicos e técnicos referentes à sua expansão. Somente depois de 17 anos de discussões e pedidos de autorização foi que o governo federal obrigou a inglesa The Leopoldina Railway Company a construir a estação. Na ocasião, foi contratado o escritório do arquiteto inglês Robert Prentice, que também projetou o prédio hoje conhecido como Palácio da Cidade, na Rua São Clemente, em Botafogo. As obras foram iniciadas em 1924 e o prédio da estação foi inaugurado dois anos depois.

O edifício da Leopoldina era para ser um exemplar da arquitetura edwardiana no Brasil, mas acabou sofrendo alterações e resultou assimétrico, sem uma ala esquerda. Internamente, há nele um espaço na gare, que tem o teto em estrutura metálica. O grande salão é cercado de colunas toscanas e arcos plenos, e o acesso ao *hall* se dá através de três pontas em arco sob a marquise.

A linha férrea da Leopoldina começava na estação de São Francisco Xavier, o que forçava os passageiros a fazerem baldeação, devido à diferença de bitolas construídas em épocas distintas. Uma pequena parte da estrada de ferro fora inaugurada pelo próprio Barão de Mauá em 1854 e é a mais antiga do país. Ela unia o porto de Mauá (Guia de Pacobaíba) à estação de Raiz da Serra (Vila Inhomirim). Para minimizar o problema, pretendia-se construir a Estação Barão de Mauá, para abrigar a linha auxiliar da Central do Brasil e da Rio d'Ouro. Mas como o governo também não cumpriu a promessa de pagar a sua parte na construção, a estação serviu apenas à linha férrea da Leopoldina. Há até bem pouco tempo, a parte operacional da linha da Leopoldina estava sob a administração da Supervia, mas foi desativada em 2002. No prédio, que pertence ao governo do Estado do Rio de Janeiro, ainda funciona a central logística. Nos últimos anos, ele tem sido usado para shows e festas. Se estivesse funcionando, a estação teria capacidade para receber 45 mil passageiros por hora, provenientes das linhas Auxiliar e da Leopoldina. ■



A estação da Leopoldina foi inaugurada em 1926

Sinal verde para a simpatia

Eraldo Luiz da Silva Soares usa o bom-humor para driblar o estresse do trânsito do Rio



Para grande parte dos cariocas, trânsito é sinônimo de nervosismo. Congestionamentos, horários a cumprir, longas distâncias a serem percorridas de carro ou ônibus... O guarda municipal Eraldo Luiz da Silva Soares conhece bem os efeitos destes percalços cotidianos. Depois de sete anos atuando como guarda de trânsito, Eraldo já esbarrou com centenas de motoristas estressados. Por isso mesmo, desenvolveu um “método” que hoje, no cargo de supervisor, tenta ensinar aos outros agentes de trânsito. Seu fundamento é um só: um largo sorriso. “É preciso ter o espírito desarmado, um sorriso aberto e a disposição de educar em vez de punir. O cidadão deve ver o guarda como um amigo, como alguém que está ali para orientar e ajudar”, ensina.

Fiel a estes princípios, Eraldo conquistou verdadeiros amigos no dia-a-dia das ruas. Quando atuava na Avenida Pasteur, na Urca, por exemplo, ganhava café e pão quentinhos todos os dias. Os cuidados vinham da mãe do cantor Jerry Adriani, moradora da região, que também presenteou o guarda com um convite para um show do filho no Canecão. “Guardo até hoje o CD autografado por ele”, conta, orgulhoso. Em outros pontos de atuação, como a esquina das ruas Voluntários da Pátria e Real Grandeza, em Botafogo, muitos motoristas tinham sempre um “bom dia” ou “boa tarde” na ponta da língua.

Há quatro anos, Eraldo deixou o trabalho direto com o público para ocupar um cargo de supervisão. Sua função, agora, é oferecer ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Em foco



Eraldo Luiz da Silva Soares

- Carioca, 46 anos, nasceu na Penha Circular, foi criado em Duque de Caxias e atualmente mora na Cidade de Deus.
- Torcedor do Botafogo, não gosta de ir ao Maracanã e prefere o rádio para acompanhar os jogos de seu time.
- Gosta de todo tipo de música, “menos funk”.
- Solteiro e sem filhos, aproveita o tempo livre para ler livros sobre segurança pública, que adora, ou encontrar os amigos

apoio aos guardas que atuam nos postos de serviço. Para isso, ele põe em prática outro aprendizado que desenvolveu no contato diário com a correria do trânsito: a importância de ver e atuar no conjunto, sentindo-se responsável pelo que acontece no entorno. Se há um acidente de grandes proporções, ele é acionado e, então, deve tomar decisões importantes, deslocar pessoal, fazer ajustes, manter contato com o Centro de Operações. Nos dias “tranquilos”, ajuda a garantir a fluidez do trânsito. A responsabilidade é maior, mas o espírito de equipe é o mesmo de anos atrás. “Trabalhar pelo trânsito é também cuidar do sincronismo entre os sinais, detectar uma lâmpada queimada, reparar que uma árvore está atrapalhando a visibilidade da via ou que um buraco no asfalto representa perigo”, ressalta.

Perigo, aliás, é um assunto que Eraldo domina como poucos. Além de supervisor de trânsito, ele é professor de caratê. E, graças à experiência adquirida com o esporte, que pratica desde os 14 anos, atua também como instrutor de defesa pessoal da guarda municipal. Em sua rotina de trabalho, as manhãs são dedicadas a ensinar os guardas em formação. As aulas vão das 7h às 10h. A tarefa não poderia ser mais prazerosa. Depois de competir profissionalmente até os 33 anos, Eraldo teve de abandonar os campeonatos em função da impossibilidade de conciliar a agenda de viagens com o trabalho na Guarda Municipal. Detentor de 16 títulos de campeão carioca, quatro de campeão brasileiro e um de campeão sul-americano, ele não chegou, no entanto, a ficar longe do esporte. Além de ensinar os guardas em formação, Eraldo dá aulas de caratê em duas academias e é supervisor técnico da Federação de Caratê do Estado do Rio de Janeiro.

Com o tempo a favor – Com tantas atividades, fica difícil imaginar como Eraldo as divide pelas 24 horas do dia. Mas ele não pára por aí. É estudante também. Concluído o curso de graduação tecnológica em gestão de segurança empresarial, ele hoje cursa a pós-graduação em políticas e gestão de segurança da Universidade Estácio de Sá, onde, aliás, vai dar um curso de férias de defesa pessoal. O resultado de tudo isso é mais fôlego. Em 13 anos na Guarda Municipal, Eraldo nunca faltou um único dia de trabalho e, em sua ficha, não consta sequer um atestado médico. “Mas você não fica doente?”, é a primeira pergunta que vem à cabeça. “Não dá tempo”, ele responde, entre risos.

A proximidade dos Jogos Pan-americanos o deixa ainda mais empolgado. Com saudades dos tempos de competidor, Eraldo vai aproveitar as folgas durante os jogos para... trabalhar. “Vou acompanhar as provas de caratê no Estádio Miécimo da Silva, trabalhando pela federação estadual”, conta. Nos dias de plantão, a cabeça também estará no Pan, embora totalmente concentrada no trânsito. “Ver o povo animado com os Jogos me motiva a trabalhar mais, porque o trânsito faz parte deste cenário. Vamos ter muito o que fazer”, prevê.

De todas as tarefas que tem de cumprir diariamente, a mais difícil é, sem dúvida, esquecer o trabalho. Dentro de seu carro, ao voltar para casa, Eraldo muitas vezes tem de se segurar para não aconselhar um motorista a usar o cinto de segurança ou chamar a atenção de outro sobre um estacionamento irregular. Nestas horas, ele liga o rádio do carro e repete para si mesmo: “Agora é descanso”. Mas esquecer, mesmo, ele só esquece quando excede os limites de velocidade. “O radar já me pegou umas duas vezes”, declara, com um sorriso de quem entrega um segredo inconfessável. ■

Em tempos de Pan, a *Tudoteca* deste mês destaca um livro que fala sobre a construção do Maracanã, vista pelos olhos de um garoto apaixonado por futebol, com muitas fotos e curiosidades sobre o estádio. Destaque, ainda, para uma faceta pouco conhecida do poeta português Fernando Pessoa: os textos que escreveu sobre economia e administração, reunidos no lançamento *A economia em Pessoa*.

Livros

Negro em preto e branco – história fotográfica da população negra de Porto Alegre

Irene Santos, org.

Editora Prefeitura de Porto Alegre, 2005

Vencedora da categoria especial da 13ª edição do Prêmio Açorianos de Literatura 2006, com textos e entrevistas das jornalistas Silvia Abreu e Vera Daisy Barcellos e organização de Irene Santos, a obra contribui para a afirmação da auto-estima da população afrobrasileira e evidencia, em mais de 500 fotos, a participação dos negros na construção do desenvolvimento de Porto Alegre, no período que vai de 1850, data dos primeiros registros fotográficos no mundo, até o final dos anos 70.

A economia em Pessoa

Gustavo Franco

Editora Jorge Zahar, 2007

Este livro mostra um lado pouco conhecido de Fernando Pessoa, ao reunir textos raros desse grande poeta da língua portuguesa sobre economia e administração. Em cada capítulo, relaciona os textos de Pessoa com temas contemporâneos, como globalização, marketing, e-mail, blog etc.

Eu nunca vou comer um tomate

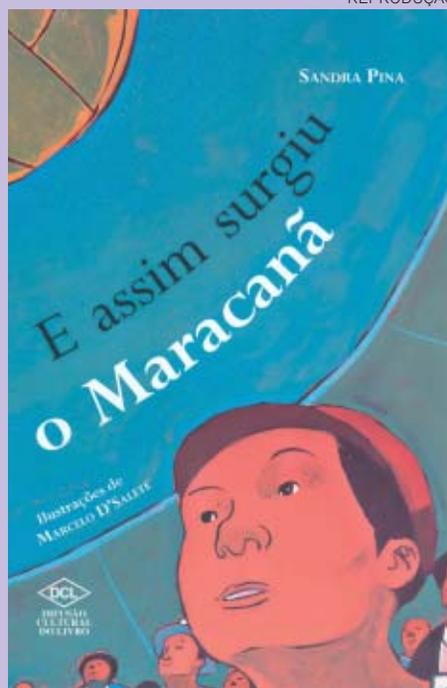
Coleção Charlie e Lola

Lauren Child

Editora Ática, 2007

Charlie tem uma irmãzinha, a Lola. Às vezes, ele precisa cuidar do jantar dela. Isso não é nada mole, porque ela é muito enjoada para comer. Até que um dia, ele arruma um jeito criativo de resolver o problema...

REPRODUÇÃO



E assim surgiu o Maracanã

Sandra Pina

Editora DCL Difusão Cultural, 2006

Enquanto acompanhava os três longos anos de construção do maior estádio do mundo, o Maracanã, Joaquim ficava imaginando como seria assistir a uma partida de futebol daquelas arquibancadas. Até que, no dia em que ia completar 15 anos, ganhou um inesperado presente: um ingresso para assistir à final da Copa do Mundo entre Brasil e Uruguai. Anos mais tarde, Joaquim, já adulto, leva o filho para assistir à partida que decidiria a classificação do Brasil para a Copa de 1970, Brasil versus Paraguai, e relembra sentimentos e sensações de todo e qualquer torcedor, seja menino ou não.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima	Nós da Escola Temas: Educação Infantil, Pan 2007, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: José Romão, entre outros.	Aqui no meu país* É tempo de diversão As formas do invisível	9h-9h30 Cara de Criança* Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	Ecce Homo* Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Contos de fadas poloneses Narrativas animadas	
Net - canal 14							
7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Acima do peso (dia 1º) Já não é sem tempo (8) Papagaios amarelos (15) A civilização do cacau (22) Brasil em movimento – A guerra civil (29)
8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país É tempo de diversão	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Séries e documentários Shakespeare: histórias animadas É tempo de diversão Contos de fadas poloneses	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB Encontros com a Mídia Convidados: José Romão, entre outros.	Cara de Criança Programas infantis: Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
8h30-9h	Contos de fadas poloneses						
9h-9h30		Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Artes Visuais, entre outros.	Nós da Escola Temas: Educação Infantil, Pan 2007, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo* Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Artes Visuais, entre outros.
9h30-10h	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 2) Papagaios amarelos (9) A civilização do cacau (16) Brasil em movimento – A guerra civil (23) Brasil em movimento – Assalto ao poder (30)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola Temas: Educação Infantil, Pan 2007, entre outros.
10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: José Romão, entre outros.
11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar Tempo e clima Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação							
12h-12h30	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Reflets Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Entre os dias 23 e 28, a faixa Acervo MULTIRIO exibe o programa Café literário, na Semana em Homenagem ao Escritor. No canal 14 da Net, às 10h30.	
12h30-13h	Shakespeare: histórias animadas Clássicos literários adaptados para animação	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 5) Papagaios amarelos (12) A civilização do cacau (19) Brasil em movimento – A guerra civil (26)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: José Romão, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Nós da Escola Temas: Educação Infantil, Pan 2007, entre outros.			
13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. * Na **BandRio**, *Ecce homo*, episódio *Revolution* (em homenagem à Revolução Francesa), no dia 14 (sábado), às 9h; *Especial Atletas do Rio* (Pan Rio 2007), no dia 15 (domingo), às 9h; e *Especial Santos Dumont*, no dia 20 (sexta), às 14h. Já no **canal 14 da Net**, o episódio *Revolution*, da série *Ecce homo*, também será exibido no dia 14, às 9h.

CONHEÇA E DIVULGUE OS NOSSOS PROGRAMAS

ATENDIMENTO ÀS COMUNIDADES

É o núcleo do trabalho da Obra Social, o programa que busca atender às solicitações das comunidades. Desde sua criação em 2001 até maio de 2007, o programa realizou 884.981 atendimentos.



COZINHEIRAS COMUNITARIAS

Instala cozinhas e refeitórios nas comunidades, para servir café da manhã e almoço por apenas R\$ 0,50. A: 23 unidades do programa já serviram até hoje 3.133.872 refeições.



CASAS DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Proporciona, gratuitamente, cursos profissionalizantes rápidos e úteis para pessoas a partir de 16 anos. Desde a criação do Programa, em abril de 2001, foram certificados 33.116 alunos.



CASAS DE CONVIVÊNCIA E LAZER PARA IDOSOS

Atividades sistemáticas de cultura, saúde e lazer, que buscam melhorar a saúde física e mental dos cariocas acima de 60 anos. De 2002 até hoje, já foram realizados mais de 348.971 atendimentos nas 4 Casas existentes hoje.



CRECHES SEMPRE VIDA

Apoio a creches da Prefeitura, através de voluntárias que colaboram com palestras, datas especiais e outras atividades, beneficiando 128.000 crianças de três meses a quatro anos de idade.



CRIANÇAS E JOVENS

Atividades artísticas, literárias, musicais e físicas para crianças entre 7 e 17 anos, além de promoção de leitura na biblioteca, com contadores de histórias. Desde a criação do programa, 16.110 alunos frequentaram as oficinas, todas gratuitas.



RIO DE ALEGRIAS

Leva às comunidades espetáculos de teatro, animadores culturais, palhaços e contadores de histórias. Até setembro o programa percorreu 105 comunidades divertindo um público de 19.059 pessoas.



Obra Social
QUALIDADE DE VIDA É OBRA NOSSA



Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4591 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br



NÓS DA ESCOLA

No próximo número: narrativa de folhetim